



ARNALDO SEIBERT TOILLIER | JOSÉ ANTONIO MORAES DO NASCIMENTO

# CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DE IDENTIDADES EM VALE VERDE:

Colonização alemã e Comunidade Evangélica  
de Confissão Luterana no Brasil

© Dos Autores, 2023

Os autores são integralmente responsáveis pela veracidade dos dados, pelas opiniões e pelo conteúdo do trabalho aqui publicado.

### **Editoração**

Alex Antônio Vanin

Álison Wagner Gomes da Silva

### **Revisão**

A revisão do texto foi de responsabilidade dos autores.

### **Projeto gráfico**

Acervus Editora

### **Capa**

Alex Antônio Vanin

### **Conselho Editorial da Acervus Editora**

Ancelmo Schörner (UNICENTRO)

Eduardo Knack (UFCG)

Eduardo Pitthan (UFFS – Passo Fundo)

Federica Bertagna (Università di Verona)

Helion Póvoa Neto (UFRJ)

Humberto da Rocha (UFFS)

João Vicente Ribas (UPF)

Roberto Georg Uebel (ESPM)

Vinicius Borges Fortes (IMED)

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

T646c Toillier, Arnaldo Seibert  
Construção e manutenção de identidades em Vale Verde [recurso eletrônico]: colonização alemã e Comunidade Evangélica de Confissão Luterana no Brasil / Arnaldo Seibert Toillier, José Antonio Moraes do Nascimento. – Passo Fundo: Acervus, 2023.  
15 MB ; PDF.

ISBN: 978-65-81266-41-7.

1. Vale Verde (RS) - História. 2. Colonização alemã. 3. Imigração alemã. 4. Cultura. 5. Identidade. 6. Memória. 7. Comunidade Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. I. Nascimento, José Antonio Moraes do. I. Título.

CDU: 981.65

---

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

### **ACERVUS EDITORA**

Av. Aspirante Jenner, 1274 – Lucas Araújo


Passo Fundo | Rio Grande do Sul | Brasil

Tel.: (54) 99686-9020

acervuseditora@gmail.com

acervuseditora.com.br

ARNALDO SEIBERT TOILLIER  
JOSÉ ANTONIO MORAES DO NASCIMENTO



CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DE  
IDENTIDADES EM VALE VERDE:

Colonização alemã e Comunidade Evangélica  
de Confissão Luterana no Brasil



PASSO FUNDO  
2023

Dedicamos o presente texto à professora Alvina Toillier (*in memoriam*), cujo apoio e participação foram indispensáveis para a conclusão destes estudos. Uma mulher marcante e determinada, que depositou grandes expectativas na proposta de trazer luz à história de Vale Verde, porém nos deixou recentemente. Aqui estão os resultados dos nossos esforços. Com muita gratidão.



## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os membros da Comunidade Evangélica de Vale Verde que aceitaram compartilhar suas vivências, dando vida a este trabalho: Germano e Anita Seibert, Walter Seibert, Otilia Trarbach, Rosane Ingrid Trarbach, Lauro e Hildegard Froemming, Marta Froemming, Honório Froemming, Arlindo Toillier, Tusilda Elsbeth Toillier, Theolina Dettenborn, pastor Jair Luiz Holzschuh, Frederico e Heliane Toillier, Iria Schuch, Alvina Toillier (*in memoriam*), Irmgardt Toillier, Bernadete Schuch, Silvio e Hildegardt Brauch, Delmar Kirst e Amanda Kirst.

Também agradecemos pela ajuda e pela atenção das professoras Carmelita Francisca Machado Kroth e Martha Toillier Kroth, quando consultamos os arquivos da Escola Curupaiti, da professora Heliane Toillier, na consulta aos documentos da Igreja Evangélica de Vale Verde e do professor Silvio Brauch e de sua esposa Hildegardt Brauch, que forneceram importantes informações e documentos.

Agradecemos a todas as pessoas que nos impulsionaram a seguir em frente durante todas as etapas dessa pesquisa: ao Elton Toillier, pelo apoio financeiro, à Sofia Seibert, que acompanhou todas as entrevistas, desempenhando o papel de tradutora e intér-

prete, à Francielle Seibert Toillier, que acompanhou durante toda a graduação.

Também, deixar registrada toda a admiração ao grupo da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE) de Vale Verde, mulheres que fazem um trabalho comunitário fantástico: a Comunidade Evangélica de Vale Verde não teria a mesma vitalidade sem o auxílio de todas vocês!

# SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO   | 11  |
| I. ANTECEDENTES DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ                       | 21  |
| II. A MANUTENÇÃO DE IDENTIDADE ATRAVÉS DA RELIGIÃO       | 33  |
| III. O DESAFIO PARA CONSTRUIR O PROJETO EDUCACIONAL      | 61  |
| IV. REAFIRMANDO A IDENTIDADE, A MEMÓRIA E A PARTICIPAÇÃO | 87  |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS                                     | 99  |
| REFERÊNCIAS  | 103 |





O poeta pode contar ou cantar as coisas, não como foram mas como deviam ser; e o historiador há de escrevê-las, não como deviam ser e sim como foram, sem acrescentar ou tirar nada à verdade.

*Miguel de Cervantes*





## INTRODUÇÃO

Com o presente texto, pretende-se apresentar e compreender as circunstâncias que tornaram possível a presença de imigrantes germânicos em território sul-rio-grandense, em específico, no município de Vale Verde, anteriormente denominado como Rheingau pelos primeiros colonos que se deslocaram para o lugar. A fim de conhecer os principais aspectos da formação da comunidade, será considerada a bagagem cultural, indenitária e religiosa, bem como as transformações e ressignificações ocorridas na localidade, durante o período de 1899 até a atualidade.

O ano de 1899 é marco inicial do processo de colonização alemã em Rheingau, com as primeiras famílias imigrantes se deslocando do município de Santa Cruz do Sul à procura de novas terras onde pudessem se instalar. Carregaram consigo, além dos bens materiais, aspectos culturais que lhes identificavam enquanto grupo social, como a religião evangélica, a preocupação com a educação escolar, entre outros. Nesse sentido, sentem a necessidade da fundação de uma entidade religiosa para cultuar sua religião. Também um sistema de ensino que ficou sob responsabilidade da própria

igreja, tendo como finalidade o preenchimento de uma lacuna deixada pela ausência do auxílio do governo brasileiro.

Em seguida, ocorre a demarcação da área destinada para a construção do cemitério comunitário, o que reforça outra necessidade para os imigrantes que é a preservação de sua memória. Mais adiante, como forma de preservar as tradições, a culinária, a cultura e a própria língua do grupo, são idealizadas algumas festividades. Havia a preocupação em perpetuar parte de seus costumes, os quais, ao longo do tempo, sofreram transformações e ressignificações resultantes da ação do tempo sobre essas manifestações.

Ademais, para compreender esse processo de *Formação Socio-histórica Regional* é preciso problematizar sobre o que se apresenta como cultura teuto-brasileiro-evangélica, suas representações culturais e a produção de identidades culturais. Nesse escopo, se enquadra a escola (e a docência) que apresenta uma identidade entre a tradição e a tradução cultural, interligando com conceitos como nação, religião, gênero e raça/etnia (MEYER, 2000). Por isso, a escola, nesse contexto cultural, ao mesmo tempo é constituidora desse projeto e, também, seu resultante. A escola e a igreja são espaços de circulação de discursos e interpelação aos sujeitos, posicionando-os em seus lugares. Na rearticulação da cultura, a função de professor era comparável à de pastor, que devia ser uma liderança cultural e espiritual. Era, em geral, uma atividade masculina, enquanto que a mulher tinha como verdadeira *vocação* o casamento e a maternidade (MEYER, 2000).

Assim, os elementos que integram uma *formação socio-histórica regional* são os processos de construção da história e das identidades de grupos sociais, como se verá no caso de Vale Verde. Os grupos sociais se estruturam histórica e culturalmente. Além disso, a partir de narrativas, elaboram uma imagem de si para se

apresentar aos demais, levando em conta que esses territórios particulares são integrados numa organização social mais ampla, se interinfluenciando. Essas narrativas são integrantes e resultantes da memória que, com sua patrimonialização, favorecem a construção de uma determinada identidade. Assim, memória e patrimônio podem se fundir e se complementar para edificação de uma identidade que se quer apresentar. A identidade, por sua vez, se relaciona com a memória existente e/ou construída do território. Memória é exaltada pela edificação e conservação de alguns patrimônios culturais, que vão reforçar uma identidade. É o que ocorre em Vale Verde, por exemplo, com o cemitério e com a igreja.

Portanto, as identidades sociais são constituídas por elementos comuns da comunidade, como costumes, crenças, tradições, comportamentos sociais, etc. e despertam a ideia de pertencimento. Mesmo assim, a identidade regional é uma construção que busca elementos culturais de determinados momentos histórico-sociais para apresentar aquela sociedade e aquele território como diferente e único diante dos demais. São marcadas pela diversidade, coexistindo elementos nativos com os de origem externa, porque a história das diferentes civilizações se caracterizou e se caracteriza pelo contato entre os grupos sociais com conflitos, dominação e assimilação.

A formação e a reformulação da identidade cultural no mundo contemporâneo são constantes (SEIXAS, 2008), porque todo o território, composto pelo seu patrimônio cultural, constrói e reforça sua identidade através de memórias coletivas em disputa. Ao mesmo tempo, os elementos que caracterizam a identidade cultural de um território fazem parte de suas estratégias de desenvolvimento, com a criação de políticas de valorização de seus produtos e serviços.

A construção das identidades sociais ocorre a partir de discursos culturais que demonstram como vive um determinado grupo.

Assim, a cultura se constitui enquanto discurso de existências e práticas sociais e, “as identidades culturais são construídas dentro de processo interior de representação, sendo inerente à própria cultura e não externa a ela” (CANABARRO; MOSER; ERNESTO, 2018, p. 113). A construção da identidade não é um processo sequencial e homogêneo, mas ocorre aos poucos a partir do vivido e do rememorado. Em virtude disso, pode-se dizer que “a memória é um componente essencial para a identidade, uma vez que está correlacionada ao compartilhamento de uma cultura, sendo assim, ela é uma representação social entre indivíduos” (CANABARRO; MOSER; ERNESTO, 2018, p. 116).

A memória é um instrumento social que tenta construir “o passado a partir de uma reflexão do presente, em relação ao que deve ser silenciado e o que deve ser lembrado por um grupo” (CANABARRO; MOSER; ERNESTO, 2018, p. 117). Assim, “um grupo, ao compartilhar significações que geram a identidade, possibilita o aparecimento de múltiplas experiências culturais e construção de realidades” (CANABARRO; MOSER; ERNESTO, 2018, p. 121). A memória é uma construção social e os indivíduos recordam aquilo que consideram importante para seu grupo. A memória histórica se relacionada à história vivida, nas experiências vivenciadas pelo grupo, que busca conservar a imagem do seu passado. A história escrita começa onde termina a memória social, pois enquanto esta continuar ativa, não há necessidade de registrá-la por escrito, mas quando se distancia no tempo, se apagando na memória dos homens é que entra o historiador relacionando e classificando os fatos (HALBWACHS, 2006).

Há uma memória que é a lembrança involuntária, evocada por circunstâncias, objetos, pessoas ou lugares, em cuja experiência passada faça brotar a recordação. Também existe memória enquanto

trabalho consciente e sistemático de recuperação das lembranças, o processo de rememoração do que ocorreu no passado. Nesse caso, pode haver reelaboração, reflexão, julgamento e ressignificação das experiências vividas. O estudo das identidades como um referencial de compreensão e explicação das mudanças sociais, marcada por sociedades cada vez mais heterogêneas, culturas híbridas e grupos complexamente diversificados. É o que foi realizado nesse trabalho de pesquisa ao revisitar documentos, lugares e pessoas em Vale Verde, tentando trazer as diferentes vozes para a história (parcial) do referido território. São culturas fragmentadas que compõem as unidades territoriais, políticas e socioculturais, sendo que elas dão conta de uma multiplicidade de identidades.

A imigração alemã no Rio Grande do Sul “esteve estritamente vinculada ao sistema de colonização baseado na pequena propriedade familiar” (SEYFERTH, 2016, p. 363), tendo como marco temporal o ano de 1824. São Leopoldo e Porto Alegre são consideradas as cidades pioneiras desse processo histórico. As motivações para a partida destes alemães da Europa vão desde alta densidade populacional, falta de empregos, escassez de terras cultiváveis, crescentes disputas militares que ocorriam em solo germânico, até questões referentes à nova pátria, o Brasil, que visava ampliar a densidade populacional após a independência de Portugal, assentando imigrantes em territórios inexplorados, principalmente no sul do país. Assim, a migração de parcela da população europeia para solo americano parecia algo positivo, uma vez que esses indivíduos, inseridos num novo ambiente, o caracterizariam de forma diferente da conhecida até então.

Ao tomar a decisão de partir, encorajada por inúmeros relatos e propagadas de que a nova pátria era mais promissora, se iniciava a longa jornada, atravessando o oceano. Ao chegar ao destino, a ta-

refa consistia em transformar o lote de terra adquirido em um local apto para a sobrevivência e cultivo. Desta forma, começam a surgir diversas áreas de colonização germânica no estado. A antiga colônia de Rheingau, objeto deste estudo, também se origina a partir de tais processos históricos.

Visando a possibilidade de alcançar de forma satisfatória a construção dos objetivos propostos neste trabalho, foi aplicada uma metodologia que se baseia em uma abordagem qualitativa, embasada na pesquisa documental sobre a temática da imigração alemã e em entrevistas com moradores locais.

Os resultados obtidos partem de fontes diversas, a partir de leituras e sistematizações de ideias de autores e obras de relevância na área da história do processo de colonização alemã no Brasil e no Rio Grande do Sul. As entrevistas foram com os membros atuantes na vida da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Vale Verde<sup>1</sup>, a fim de compreender as formas de organização dos primeiros imigrantes e os aspectos culturais que permanecem vivos na atualidade. Mesmo porque, “os sujeitos, ao narrarem suas trajetórias de vida, revelarem significações e representações culturais construídas e compartilhadas no âmbito de uma memória social, em correlação direta com sua cultura” (CANABARRO; MOSER; ERNESTO, 2018, p. 112), aspecto relevante para o presente trabalho.

O uso da história oral se tornou indispensável durante o andamento das pesquisas, tendo em mente que parte da trajetória dos imigrantes em Vale Verde não foi documentada de forma escrita, tornando escassa a obtenção de informações, cabendo ao historiador executar o trabalho de levantamento de hipóteses para tentar

<sup>1</sup> As entrevistas com os membros da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Vale Verde foram realizadas durante o período de 27/01/2022 a 20/06/2022. Todos os entrevistados concederam autorização para a coleta de dados.



compreender as possibilidades históricas da temática. Essa seria a função dos historiadores, ou seja, utilizar “os dados orais para darem voz aqueles que não se expressam no registro documental” (BURKE, 1992, p. 194).

Também foram incluídas imagens e documentos pertencentes aos arquivos da Escola Curupaiti, da família Seibert, do professor Silvio Brauch e da própria Comunidade Luterana de Vale Verde e seus membros, a fim de ilustrar e dar suporte ao entendimento do contexto estudado. Perante tais apontamentos, a análise buscou detalhar a construção da identidade dos colonos alemães, com ênfase na presença do luteranismo e da língua alemã, que acaba por moldar a educação e a cultura desses indivíduos. Com isso, será possível o preenchimento de algumas das lacunas presentes na história de Vale Verde.

O trabalho está dividido em quatro capítulos que procuram analisar diferentes aspectos relacionados à inserção dos primeiros imigrantes na região que hoje compõe o município de Vale Verde, correlacionando a formação deste grupo com o desenvolvimento da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana. São descritas e problematizadas as principais manifestações e contribuições socioculturais deste grupo para a localidade em questão.

No primeiro capítulo, investigam-se as possíveis justificativas para o sucesso das políticas imigratórias, desde as características conjunturais da Europa durante o século XIX e sua contribuição para a decisão de imigrar, até as iniciativas de financiamento providas do governo brasileiro. Logo a seguir, a forma de assentamento dos colonos em seus lotes e suas dificuldades. Assim, se inicia uma descrição da trajetória dos imigrantes até a colônia de Rheingau e suas primeiras formas de organização comunitária.

No segundo capítulo, a discussão é aprofundada em torno das formas de organização comunitária desenvolvidas pelos primeiros

moradores da colônia, tendo como ponto aglutinador a religião evangélica protestante. Com essa forma de integração social, começam a ser delineadas os contornos do que iria compor a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Vale Verde. Unidos em torno de um mesmo credo, fundam a primeira Igreja Luterana do município, demarcam e constroem os seus locais de memória, iniciam um projeto educacional, promovem as suas festividades como forma de disseminar sua cultura. Entretanto, todas essas manifestações sofrem com a ação do tempo, passando por ressignificações e adaptações.

No terceiro capítulo, o foco dos estudos se concentra na compreensão do sistema escolar luterano. A educação simbolizou uma das maiores preocupações dos colonos, o que motiva a criação de uma forma singular de ensino, visto que o governo brasileiro não era sensível em resolver essa demanda. As dificuldades para o acesso à educação eram variadas, desde questões relacionadas à situação individual do aluno, até obstruções ocasionadas na instituição por dificuldades financeiras e políticas, como ocorre durante a Era Vargas, que abala toda a vida cultural e política existente na localidade.

Para finalizar, no quarto capítulo serão apresentados a composição e o funcionamento dos afazeres comunitários e religiosos, que se encontram em constante processo de transformação, como é o caso das tradições e dos festejos. Neste âmbito, se origina o grupo da Ordem Auxiliadora de W Senhoras Evangélicas (OASE). As atividades desse grupo feminino se reinventam com o passar do tempo, passando a ocupar o principal ponto de apoio encontrado pelo grupo religioso para manter as suas atividades na atualidade. Tais elementos apontam que “a realidade social é um produto de interação e somatório de objetos da vida cultural e social de um grupo” (CANABARRO; MOSER; ERNESTO, 2018, p. 121). Além disso, a manutenção e o compartilhamento de um mundo comum entre es-

sas senhoras, com fins práticos no cotidiano, significa que “o grupo social compartilha significações em uma determinada experiência para manter uma lógica instaurada” (CANABARRO; MOSER; ERNESTO, 2018, p. 121).

Assim, o presente texto apresentará os elementos referentes ao processo de ocupação do território, com o auxílio dos descendentes de imigrantes alemães. Mais do que isso, trará diferentes aspectos que foram sendo responsáveis pela construção de uma identidade, que foi incorporando elementos na convivência com o seu entorno. Ainda, elementos da memória e do patrimônio dos moradores que são marcas e registros para a história de Vale Verde e que identifica seus moradores. Entretanto, os relatos não foram homogêneos e nem imutáveis, como se observará ao longo do texto, uma vez que se percebem pontos de vistas variados e até contraditórios como é toda a narrativa quando aborda grupos sociais.





I  
ANTECEDENTES DA  
IMIGRAÇÃO ALEMÃ

Inicialmente, para se discutir de que forma e em que circunstâncias os primeiros imigrantes alemães<sup>2</sup> despontaram no território brasileiro, necessita-se retornar ao ponto de partida desses imigrantes, ou melhor, aos motivos que os levaram a partir de sua pátria em busca de uma possível vida melhor. Em relação aos povos germânicos que partem para o Brasil, uma primeira consideração diz respeito ao fato de que “eram oriundos de diferentes regiões e estados, por vezes de diferentes países; muitos deles eram camponeses e servos, outros tantos marginalizados urbanos e excluídos do processo de industrialização que se iniciava na Europa” (MEYER, 2003, p. 188). Sendo assim, esses indivíduos não podem ser considerados como homogêneos, pois partem de lugares diferentes, com culturas e experiências divergentes, sob condições discordantes entre si.

Sobre esta conjuntura, das causas e motivações que desencadearam as levas de imigrantes, a autora Hilda Flores afirmou que “motivos múltiplos influíram na decisão de deixar a pátria, que po-

<sup>2</sup> A historiografia disponível referente à história da imigração denomina estes indivíduos por alemães, mas, tendo em vista que a unificação da Alemanha ocorre apenas em 1871, percebe-se que o termo que possui uma melhor aplicação é o termo germânico.

dem ser agrupados em causas externas, ligadas aos países de origem da emigração, e em causas internas, próprias dos países americanos” (FLORES, 2004, p. 13) que os receberam. Ainda, apontou as dificuldades que determinadas regiões da Europa enfrentavam durante o século XIX, bem como a camada da população que mais era acometida por elas, como se verá na sequência.

Para compreender a emigração, será aprofundado um pouco mais a análise sobre as causas externas que deixaram os colonos predispostos às políticas de saída para outros territórios. No período anterior a 1871, o território germânico “era uma colcha de retalhos. Vários principados, condados, reinados, ducados. Cidades e regiões independentes” (BRAUN, 2010, p. 14). Somente se obtém a consolidação do território unificado através do Congresso de Viena, ocorrido em 1815.

Esta região também passa a ser assolada, ao longo do século XIX, por sucessivos movimentos políticos e sociais e pelas Guerras Napoleônicas, que darão o delineamento para a formação das nacionalidades.

A Alemanha saíra das Guerras Napoleônicas, que causaram uma devastação fácil de imaginar, [...]. Muitos dos que vieram, serviram por obrigação ou motivação política a Bonaparte e mais tarde com a derrota deste, foram perseguidos pela Prússia (BRAUN, 2010, p. 16).

Aliado a esta situação, Hilda Flores expõe que “na Europa Moderna sobrevivia o regime medieval de servidão, que prendia o trabalhador à terra” (FLORES, 2004, p. 13). Acrescenta, ainda, que, neste início do século XIX, 75% da população europeia vivia no campo, numa estrutura muito semelhante à relação feudal, mantendo mui-

tos dos seus traços em constante funcionamento, além de dificultar qualquer tipo de mobilidade e ascensão social por parte do servo trabalhador. Outro fator que interferia na vida do trabalhador rural, e é observado por Müller (1994, p. 5), era o “morgadio”, uma prática comumente utilizada, que consistia em um regime em que apenas o filho mais velho viria a se tornar o herdeiro legítimo dos bens e das terras da família, os demais filhos se viam obrigados a exercer outras atividades para sobreviver. O desprestigiado serviço militar do período era uma dessas possibilidades.

Também se sentiam os reflexos da industrialização. “Iniciada na Inglaterra, atingiu a Europa no século XIX. A máquina substituiu a mão de obra artesanal, gerando desemprego e tensões sociais” (FLORES, 2004, p. 15–16). Para agravar ainda mais o cenário, a população presenciava uma expansão demográfica, resultado de uma considerável melhoria nas condições de saúde e higiene. A consequência de tais fatores foi o agravamento do desemprego e da fome e a ampliação da pobreza. Braun (2010, p. 17) complementa que “alguns Estados facilitavam e incentivavam a imigração, diminuía assim a pressão demográfica, já que, todos os indigentes, incapazes e marginais iriam embora”. Vale considerar que nem todos os estados reagem da mesma forma, pois se perdia mão de obra para outros países.

Outro aspecto diz respeito às questões internas relacionadas ao lugar em que os povos imigrantes tinham como destino, neste caso, o Brasil. Após a sua independência de Portugal em 1822, o governo de D. Pedro I passou a se preocupar, dentre outras questões, com a substituição da mão de obra escrava negra e com um possível branqueamento da população. Assim, o governo deu início ao processo de recrutamento de trabalhadores estrangeiros, os quais também poderiam ocupar regiões até então inexploradas, como é o caso do estado do Rio Grande do Sul. Outra necessidade era a melhoria do

exército imperial, o que, na ótica governamental, seria possibilitada pelos novos povoadores.

Os primeiros imigrantes alemães chegaram ao Brasil logo após a abertura dos portos e a permissão de acesso à terra para estrangeiros propiciadas pelo governo português em 1808. A nova ordem legal atraiu gente de diferentes nacionalidades, inclusive comerciantes e artífices alemães que se estabeleceram no Rio de Janeiro e em outras cidades portuárias (SEYFERTH, 2016, p. 7).

Neste sentido, existe a criação de políticas pró-imigração desenvolvidas pelo governo brasileiro. Flores (2004, p. 17–18) comenta que “em 1818 houveram três experiências de imigração na Bahia, todas fracassadas<sup>3</sup> [...]. No Rio de Janeiro fundou-se Nova Friburgo, 1824, ano em que inicia a imigração para o Rio Grande do Sul”.

Aos imigrantes, o governo brasileiro oferecia: passagem paga; concessão de cidadania<sup>4</sup>; concessão de lotes de terras livres e desimpedidos; suprimento com primeiras necessidades; materiais de trabalho e animais; isenção de impostos por alguns anos; liberdade de culto<sup>5</sup> (BRAUN, 2010, p. 18).

Diante da realidade desfavorável que os povos germânicos vivenciam em sua terra natal, a decisão de partir se tornava plausível. Para Seyferth (2016), a maioria dos imigrantes tinha origem rural,

<sup>3</sup> As colônias que Flores (2004) se refere são: colônia de Leopoldina, nome em homenagem à imperatriz Leopoldina, e a de Frankental, [...] e a colônia de São Jorge dos Ilhéus.

<sup>4</sup> A concessão de cidadania brasileira aos estrangeiros era algo ilegal neste contexto, uma promessa falha, sem aplicabilidade.

<sup>5</sup> Já no que tange à liberdade de culto, baseando-se na Constituição de 1824, era tolerada apenas a prática de cultos não católicos em estabelecimentos sem configuração de templo.



ou pertencia a classes sociais menos favorecidas. A saída era incentivada por uma vasta propaganda imigratória bem estruturada, que contava com agentes de imigração<sup>6</sup> contratados pelo próprio governo brasileiro. Logo, “a propaganda emigratória funciona como fator desencadeante para a importante decisão de abandonar parentes e pertences, e viajar ao encontro do desconhecido, cheio de esperanças por um futuro promissor” (FLORES, 2004, p. 17).

Os agentes de imigração eram os principais responsáveis pelo sucesso do empreendimento desenvolvido com o processo imigratório. Para dar mais credibilidade aos seus serviços, eles apresentavam cartas supostamente escritas por germânicos já instalados em terras brasileiras. Flores (2004, p. 20) lembra que “forjadas ou não, as cartas eram uma propaganda econômica e eficiente, comprovando ou tirando suspeitas sobre o que propalavam os agentes oficiais de imigração”. Obviamente, essas mensagens se referiam ao Brasil de uma forma positiva, desconsiderando as prováveis dificuldades encontradas ao longo da viagem e na instalação do lote de terra que lhes era cedido. Convencidos de que a decisão correta consistia em embarcar nesta viagem, os germânicos se deixam levar em uma longa viagem de navio, rumo ao Brasil.

## A CHEGADA DOS PRIMEIROS IMIGRANTES E SEUS DESAFIOS

Após uma viagem de navio, que poderia levar até três meses para atingir seu destino, os imigrantes finalmente chegam ao Brasil. Em Santa Cruz do Sul<sup>7</sup>, chegaram a partir do ano de 1849. Os primei-

<sup>6</sup> Von Schaeffer foi, durante o Primeiro Reinado, o principal agente de propaganda imigratória germânica no Brasil, sendo amigo do imperador D. Pedro I e da imperatriz D. Leopoldina.

<sup>7</sup> O município de Santa Cruz do Sul firma suas origens na antiga colônia de Santa Cruz, criada a partir de 1847, no Município de Rio Pardo, Distrito de Serra do Botucaraí, entre a

ros colonizadores e seus descendentes partem para o atual município de Vale Verde e para as demais localidades que compõem o Vale do Rio Pardo:

No vale do Rio Pardo, a colonização germânica iniciou pela colônia de Santa Cruz, que se constituiu na primeira colônia fundada e gerida pela província de São Pedro. Lá os primeiros colonizadores chegaram a partir de 19 de dezembro de 1849 e foram assentados no local atualmente denominado de Linha Santa Cruz (Alt Pikade) (VOGT, 2006, p. 97).

Portanto, a colonização no Vale do Rio Pardo tem seu ponto de partida em Santa Cruz do Sul. Vogt (2006, p. 97) ainda salienta que “à colonização se expandiu na direção de Rio Pardinho, Dona Josefa, Linha Andréas, Sinimbu, Vila Tereza e Ferraz. Uma vez ocupadas as terras devolutas da Colônia, áreas de particulares foram loteadas”. Kipper (1979) indicou que os pioneiros colonizadores da cidade de Santa Cruz do Sul são provenientes de diversas províncias que formavam a antiga Confederação Germânica, tais como: Rhenno, Silésia, Prússia, Pomerânia, Turíngia, Saxônia, Westfália, Hannover e Oldenburg<sup>8</sup>.

Deste modo, conforme novos imigrantes chegavam a Santa Cruz do Sul, novos lotes de terras eram demarcados para o assenta-

---

margem esquerda do rio Pardo e o arroio Taquarimirim. Sua fundação resultou do propósito da Câmara Municipal de Rio Pardo, então próspero centro de comércio, de estabelecer comunicação com a zona serrana da Província, para atrair o comércio àquela região. A 19 de dezembro de 1849, iniciou-se o povoamento da colônia, sendo distribuídos lotes a Augusto Wutke, Frederico Tietze, Augusto Mandler, Gottlieb Pohl, Augusto Raffler e Augusto Arnold, provenientes da Silésia e da Prússia. Santa Cruz tornou-se uma das colônias mais prósperas do Sul do País. (IBGE, 2021).

<sup>8</sup> Estas informações podem ser conferidas nos registros de terras de Santa Cruz do Sul, elaborado por Carlos Trein Filho, disponível no Centro de Documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul.

mento das famílias, além da distribuição de subsídios econômicos, sementes e implementos agrícolas. Os auxílios variavam conforme o período e a localidade demarcada para o assentamento. A necessidade por terras é um dos motivos que leva uma parte dos estrangeiros a buscarem lotes cada vez mais distantes, conseqüentemente povoando outras áreas, como é o caso da futura colônia de Rheingau. Os imigrantes que futuramente partem para Rheingau “desembarcaram no porto de Rio Pardo, embarcação vinda pelo Rio Jacuí. Do porto se deslocaram para a região de Santa Cruz do Sul, Vera Cruz, Sinimbu” (COMUNIDADE, 2000a, p. 2). Em seguida, formam a referida colônia.

A distribuição de pessoas sob novos territórios é mencionada pelo Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo (COREDE/VRP, 1998, p. 18) da seguinte forma:

A região povoada pelos imigrantes e descendentes alemães deu origem a vários municípios na parte mais central do Vale do Rio Pardo e influenciou fortemente nos traços culturais da população de Santa Cruz do Sul, Candelária, Vale do Sol, Vera Cruz, Passo do Sobrado, Vale Verde e Sinimbu. A busca por novas terras fez com que os colonos de origem teuta subissem a encosta da serra, terminando por encontrar-se com os habitantes de origem luso-brasileira e italiana (COREDE/VRP, 1998, p. 18).

Sendo assim, por volta do ano de 1895, o primeiro imigrante alemão, David Hoelz<sup>9</sup>, se desloca para o “Rincão dos Mellos” onde,

---

<sup>9</sup> David Hoelz nasceu no “hunsrik” na Alemanha, no dia 9 de fevereiro de 1844, chegou ao Brasil por volta de 1860, casou-se em Santa Cruz do Sul em 9 de Junho de 1869 com Ana Catarina Schaeffer, natural de Dois Irmãos, com quem teve pelo menos sete filhos. Essa família, a primeira descendência alemã em Vale Verde, primeira família Evangélico-Luterana, chegou à região de Vale Verde por volta de 1895. David Hoelz faleceu em 17 de junho de 1920, e está sepultado juntamente com sua esposa no Cemitério Municipal de Santa Cruz

mais tarde, funda a antiga colônia Rheingau. Os moradores da região denominavam o lugar de “Rincão dos Mellos”, depois passou a ser chamada de “Colônia dos Mellos”, após “Vila Melos”, atualmente município de Vale Verde<sup>10</sup>.

David chegou num local já povoado por outros habitantes, principalmente por portugueses. Os imigrantes portugueses teriam chegado um século antes dos alemães, em torno de 1810. Antônio Vieira de Mello<sup>11</sup> é um dos descendentes de portugueses que haviam adquirido as terras que hoje compõem o município de Vale Verde.



**FIGURA 1.**

Agrimensor David Hoelz.  
Fonte: Acervo da  
Comunidade Evangélica de  
Vale Verde.

O pioneiro cidadão alemão, David Hoelz, engenheiro civil e agrimensor, imigrou para o Brasil por volta de 1870, estabelecendo-se no município de Santa Cruz. Dali, se deslocou, abrindo novas áreas de ocu-

---

do Sul. (COMUNIDADE, 2000b).

<sup>10</sup> A primeira denominação da colônia foi Rheingau, denominação dada pelos imigrantes, pois a maioria deles era oriunda do Vale do Reno. Com o passar do tempo, muitos desses colonos foram embora e a família Mello aumentava cada vez mais. O local, então, passou a ser chamado de Colônia dos Mellos. Mais tarde, esse nome também foi substituído por Rincão dos Mellos. Ao tornar-se o 5º Distrito do Município de General Câmara, passou a se denominar Vila Melos. Manteve esse nome até o momento de sua emancipação, em 1995, quando a comunidade local escolheu o novo e atual nome: Vale Verde (IBGE, 2022).

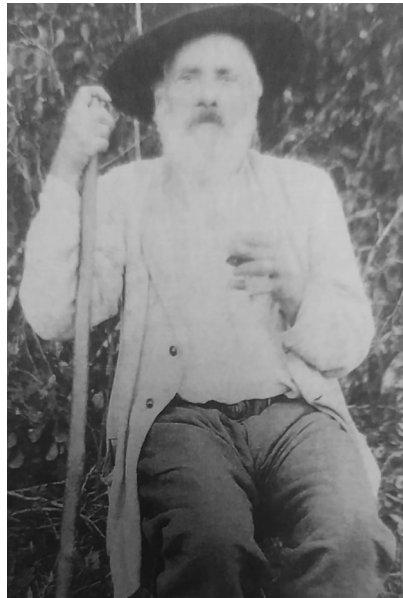
<sup>11</sup> De acordo com Ubatuba; Froemmig; Azeredo (2021), Antônio de Mello e Albuquerque nasceu em 19 de junho de 1818, filho de Francisco de Mello e Albuquerque e Maria Tereza Pereira Vieira. Estudou em São Paulo. Quando descobriu que em Rio Pardo havia um primo com o mesmo nome, alterou seu nome para Antônio Vieira de Mello. Faleceu em 25 de abril de 1903.

pação e na segunda metade da década de 90 chegou em terras de propriedade do Sr. Antônio Vieira de Mello, de quem, comprou, aproximadamente, 500 ha, onde se assentou. Prestando-lhe alguns serviços, conquistou a sua confiança e combinaram que o Sr. David escolheria uma área de terras adequada que mediria, dividiria em lotes que seriam vendidos para famílias de agricultores, sendo que, em 1898, alguns colonos vieram para conhecer a região, manifestando interesse e se comprometendo com a compra e posse dos lotes, após o inverno do ano seguinte. (COMUNIDADE, 2000a, p. 5)

Após algum tempo de prestação de serviços, “houve, então, a doação de vários lotes de terra por parte do Sr. Antônio Vieira de Mello que era proprietário de quase todo o território chamado de Rincão dos Mello” (VALE VERDE, 1997, p. 3). A partir desse ocorrido, não tardaria muito tempo até a ocorrência da instalação dos primeiros colonos alemães nessa colônia.

Deste modo, em 1899, começam a chegar as primeiras famílias imigrantes.

Como foi referido anteriormente, essas famílias buscavam novas terras para cultivo e moradia e, por isso, passam a ocupar os lotes demarcados por David, mediante pagamento.



**Figura 2.** Antônio Vieira de Mello. Fonte: Ubatuba; Froemming; Azeredo (2021).

Assim sendo, em 1899, chegaram aqui sete famílias das quais quatro eram evangélicas: Heinrich Weber, Karl Schuch, August Schuch e Ferdinand Heling, e três católicas, as de Martin Hermes, Peter Hermes e João Hermes [...]. Em 23 de março de 1900 [...] mais seis que haviam chegado logo no princípio do ano, sendo eles: Wilhelm Panzenhagen, Fridrich Klitzke, August Genz, Wilhelm von Borstel, Julius Malikowski e Phillip von Borstel (COMUNIDADE, 2000a, p. 5).

As dificuldades que os colonos enfrentaram foram muitas. A conquista das terras era um desafio árduo, porque existiam matas muito densas e fechadas que desafiavam os esforços dos colonos, muitas delas habitadas por animais selvagens que traziam riscos a sua sobrevivência. Não existiam estradas e pontes que facilitassem o acesso às propriedades, nem comércios e nenhuma espécie de prestação de serviços. O processo de demarcação de linhas e lotes nas colônias era feita pelo próprio imigrante, que tinha a responsabilidade construir pontes e estradas e deveria providenciar a edificação de seus alojamentos e todas as suas dependências, como comenta Junior, 2010.

Este modelo de ocupação é comum para praticamente todas as colônias fundadas pelos imigrantes germânicos. Seyferth (2016) considera que os imigrantes foram assentados em áreas de florestas, onde a demarcação de lotes de terras foram acompanhando os vales dos rios. Portanto, em um sistema que mantinha os indivíduos em locais afastados de grandes centros, a presença de enfermidades podia ser fatal. Na ausência de socorro médico e medicamentos adequados, as moléstias eram tratadas com os conhecimentos que possuíam, contando com os recursos naturais que tinham disponíveis. Em razão disso, a mortalidade infantil era muito alta.

A morte era algo que estava muito presente no cotidiano dos pioneiros colonizadores. “Morria-se no parto, de sífilis, de tétano, de apendicite, de sarampo, de tifo, em função de picada de cobras e aranhas, etc.” (VOGT, 2005, p. 126). Além disso, a taxa de fecundidade era bastante elevada, no entanto, a mortalidade infantil era muito grande, e a expectativa de vida muito inferior a que se tem hoje em dia. Sobre o isolamento da população imigrante, Honório Froemming<sup>12</sup> comenta que as dificuldades foram muitas, interferindo, inclusive, nas atividades religiosas da localidade, permanecendo até a década de 1970:

Até a década de 1970, Vila Melos com a sua população viviam de forma muito isolada. Para dar atendimento espiritual aos membros da comunidade o pastor percorria cerca de 30 km a cavalo de Venâncio Aires, que era a sede paroquial, até Vila Melos. As estradas eram péssimas e para vencer o trajeto o pastor já saía no dia anterior e pousava na casa dos membros (FROEMMING b, 2022).

Restava a este colono que recentemente imigrou passar por uma considerável mudança de hábitos para se adaptar ao novo território e ao novo clima, transformando o ambiente em que se inseriu. Dessa forma, “o colono, submetido às condições museológicas do novo ‘habitat’, experimentou, por certo, modificações em seus hábitos alimentares, e de trabalho, no vestuário e na habitação” (MORAES, 1981, p. 9).

O imigrante passa por uma transformação considerável, mas como permaneceu isolado por boa parte de sua história, suas tradi-

<sup>12</sup> Honório Froemming concedeu as entrevistas em duas oportunidades, na data de 11/02/2022 e 03/04/2022.

ções, cultura, educação, ritos e religiosidade permaneceram praticamente inalterados, sendo reproduzidos de geração em geração. Entre suas maiores preocupações, constava a necessidade de preservar esses valores, isso era o equivalente a preservar a própria identidade.

Uma afirmação, que é registrada na maioria das histórias até aqui escritas sobre a imigração alemã, no Rio Grande do Sul, é que Igreja, Escola [...], foram centrais na vida desses imigrantes e que elas estiveram profundamente envolvidas com a produção, reprodução e reformulação dessa cultura e de seu sujeito cultural, cuja identidade deveria comportar um harmônico, porém duplo pertencimento: uma nacionalidade alemã e uma cidadania brasileira (MEYER, 2003, p. 188).

A forma encontrada para preservar os valores que consideravam importantes dentro da comunidade foi a construção de espaços em que estes saberes pudessem ser compartilhados e ensinados às gerações mais novas. A construção de templos religiosos e escolas começava a ser uma necessidade, mas para que isso se tornasse algo possível, havia um longo e trabalhoso caminho a ser percorrido.







II  
A MANUTENÇÃO DE  
IDENTIDADE ATRAVÉS  
DA RELIGIÃO

A religiosidade e a construção de espaços para sua prática sempre foi um aspecto relevante para as diferentes sociedades. Nesse sentido, como referido na seção anterior, também foi significativa para os recém-imigrados, e continuou sendo para muitos de seus descendentes. Se tornou um dos pilares fundamentais para a preservação de suas manifestações culturais, hábitos e costumes, estando presente desde o início da colonização. Muitos imigrantes já traziam na bagagem bíblias e hinários escritos em sua língua materna.

A primeira manifestação concreta de preocupação com a religiosidade em Rheingau ocorreu no dia 23 de março de 1900, quando os primeiros moradores, isto é, as dez famílias instaladas na localidade, “reúnem-se na residência de David Hoelz no dia 23 de março de 1900, numa sexta-feira, e fundam ali a Evangelischen Kirchengemeinde von Rheingau” (COMUNIDADE, 2000a, p. 5). Nasce a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Vale Verde. Um importante passo foi dado, já que tornaria possível a integração religiosa dos membros da localidade. Estas relações comunitárias eram reforçadas através de laços de afinidade e tendiam a se reproduzir ao longo do tempo:

As definições de comunidade estão associadas aos laços de afinidade de um determinado grupo de pessoas. Podemos identificar a comunidade pela língua, pela religião, pela alimentação, etc. [...]. Consolidam-se a partir do momento em que a comunidade se estabelece com a criação de identidade (KLAUCK, 2005, p. 230).

A partir desse momento, a vida em comunidade estava sendo construída, amenizando o isolamento com encontros religiosos que os aproximariam em torno de um mesmo ideal, reforçando a formação da identidade deste grupo. No referido primeiro encontro, também estava presente “o Pastor Max Dedekind<sup>13</sup>, [...] que no ano anterior percorrera a localidade visitando as famílias evangélicas que agora se uniam em comunidade” (COMUNIDADE, 2000b). As famílias de imigrantes eram as seguintes: David Hoelz e Ana Catarina Schaeffer; Heinrich Weber e Ida Gieseler; Karl Schuch e Elisabeth Weber; August Schuch e Lina Saenger; Ferdinand Helling e Johanna Koehler; Wilhelm Panzenhagen e Katharina Genz; Friedrich Klitzke e Margarethe Genz; August Genz e Wilhelmine Ludwig; Wilhelm von Borstel e Karoline Maertins; Philipp von Borstel e Elisabeth Panzenhagen; Julius Malikowski e Maria Genz e Pastor Max Dedekind (COMUNIDADE, 2000b).

A comunidade religiosa recém-integrada ainda não possuía autonomia para gerir por conta própria as despesas pastorais que uma entidade religiosa necessitava. Portanto, “resolveram filiar-se a Comunidade Evangélica de Venâncio Aires e passaram então a ser atendidos pelo pastor Max Dedekind” (VALE VERDE, 1997, p. 3). Todas as arrecadações obtidas dos membros eram encaminhadas

<sup>13</sup> O Pastor Max Dedekind foi o primeiro pastor da Comunidade Evangélica de Vale Verde. Vindo da Paróquia de Venâncio Aires para atender a localidade recém-formada.

à paróquia de Venâncio Aires, sendo que a comunidade permaneceu sem igreja local. A construção de um templo religioso era uma reivindicação aclamada por muitos, mas levando em consideração as condições de vida que a maioria dos membros se inseria, era um feito muito dispendioso. O sonho acompanhou os integrantes da comunidade por um longo tempo, mas poderia ser realizado somente quando se conseguisse dinheiro para custear as obras.

Os afazeres eclesiásticos eram custeados por arrecadações obtidas a partir do pagamento de contribuições pagas pelos fiéis, numa espécie de mensalidade. O membro que estivesse em conformidade com as contribuições, recebia um recibo de quitação de suas despesas.

DEUTSCHE PROTESTANTISCHE GEMEINDE

**DEUTSCHE PROTESTANTISCHE GEMEINDE**  
— RHEINGAU —

---

Nr. ....

Von Herrn .....

|  |          |          |
|--|----------|----------|
| Rückständig . . . . .                  | Rs. .... | \$ ..... |
| Eintrittsgeld . . . . .                | Rs. .... | \$ ..... |
| Pfarrgehalt für das . . . . . Semester | Rs. .... | \$ ..... |
| An die Synode Rio Grande do Sul        | Rs. .... | \$ ..... |
| Taufe . . . . .                        | Rs. .... | \$ ..... |
| Konfirmation . . . . .                 | Rs. .... | \$ ..... |
| Trauung . . . . .                      | Rs. .... | \$ ..... |
| Begräbnis . . . . .                    | Rs. .... | \$ ..... |

empfangen zu haben, bescheinigt

Rheingau, den..... 193

Der Vorstand:

.....

**Figura 3.** Recibo de contribuição da Igreja Luterana de Rheingau.  
Fonte: Acervo da família Seibert.

A religiosidade era uma característica presente na maioria dos imigrantes que se instalam nesse território, já que eles estavam acostumados a ter um acompanhamento eclesiástico ao longo de toda a sua vida. Por isso, buscaram uma forma de reinventar o que já tinham em solo germânico. Assim, surgem nos povoados, as construções como o templo religioso, as escolas, as sociedades de cantores ou de tiro ao alvo. O centro da vida social das pequenas cidades passa a ser orientada por essas construções, uma vez que era nestes espaços que ocorriam suas socializações (TÜNNERMANN, 2015).

Entretanto, a discussão para a construção da igreja iniciou somente em 1922, momento em que a comunidade luterana era composta por 59 famílias. A obra foi confiada a August Dassow, um pedreiro profissional. Os membros da igreja assumiram uma dívida que seria paga por contribuições trimestrais, no equivalente a 25 mil réis (25\$000) por membro, até a conclusão da obra, que ocorreu em 09 de maio de 1926 (COMUNIDADE, 2000a, p. 7). Como se constata, ocorre um aumento considerável de novos imigrantes que se deslocaram para esta colônia durante o período de 1900 até 1922. Nesta listagem aparecem apenas os nomes dos patriarcas das famílias, desconsiderando as mulheres e crianças. Entre os sobrenomes listados estão: Panzenhagen, Heling, Bender, Schuch, Weber, Seibert, Meert, Ebert, Kappel, Gerhardt, Dettenborn, Meurer, Wenger, Froemming, Schulz, Linke, Franke, Bauer, Leindecker, Toillier, Kirst, Strohschoen, Gerasch, Nichterwitz, Storch, Niedersberg, Fischborn, Dassow, Trarbach, Klafke, Trost, Stumm, Schmidt, Blum, Glitzke, Haar, Borstel e Hauth (COMUNIDADE, 2000a, p. 6-7).



**Figura 4.** Construção da Igreja Luterana.  
Fonte: Acervo da Comunidade Evangélica de Vale Verde.

O início das obras também esteve envolto em uma atmosfera de simbolismos e não era uma tarefa fácil, portanto, deveria ser um momento de comemorações. Antes de iniciar a construção da igreja, foi realizada uma reunião, na qual “foi feito um leilão da primeira pedra, a pedra fundamental da igreja [...]. Meu pai, Pedro Meurer, deu uma moeda como lance, e ficou sendo o padrinho da pedra fun-

damental de alicerce da nossa igreja” (KIRST<sup>14</sup>, 2022). O colonizador Pedro Meurer ofereceu uma quantia simbólica em dinheiro para a cerimônia e, assim, acabou sendo o padrinho fundador da primeira Igreja Evangélica do município. Após alguns anos, o templo religioso passou por modificações. A reforma teria começado no ano de 1946 e foi concluída no ano de 1948. “O cone primitivo foi demolido, construído um terceiro andar e, depois, um novo cone. Os sinos foram instalados no terceiro andar” (UBATUBA; FROEMMING; AZEREDO, 2021).



**Figura 5.** Igreja Luterana primitiva, antes de sua reforma.  
Fonte: Acervo da Comunidade Evangélica de Vale Verde.

Durante a realização das obras, ocorreram muitas doações de pedras e materiais para a realização do empreendimento. Os pró-

<sup>14</sup> Amanda Kirst concedeu entrevista em 19/04/2022.

prios pedreiros eram membros da comunidade, o que diminuía as despesas, como relata Hildegard Froemming<sup>15</sup>: “Hoje, se era para construir uma igreja, temos que pagar, antes todos ajudavam, a igreja tinha seus pedreiros, todos eram daqui, o meu tio Oswaldo Gerhardt, ajudou a construir a igreja” (FROEMMING a, 2022).

Após a conclusão da igreja, além de servir para fins religiosos, ela também servia para sinalizar os horários pertinentes a vida da colônia: o amanhecer, o horário de almoço, o tempo para se recolher e encerrar as atividades ao cair da noite, os dias de culto, as mortes, os nascimentos e as festividades. No entanto, para o bom funcionamento deste sistema, alguém deveria se encarregar de tocar o sino, limpar e organizar a igreja, antes e após os cultos:



**Figura 6.** Igreja Luterana de Vale Verde na atualidade. Fonte: Jornal Folha do Mate.

Meus pais (Carlos e Alvina Froemming) que batiam o sino, desde quando casaram. Primeiro havia um sino, depois vieram mais dois (os sinos foram trazidos da Alemanha). Minha mãe também ocupava um campinho ao lado, havia um galpão que ela utilizava

<sup>15</sup> Hildegard Froemming concedeu entrevista em 08/02/2022

para botar a vaca dela. Ela limpava a igreja, o altar, e não cobrava nada, ali também havia a escola, um campinho para jogar vôlei e futebol [...]. Depois, quando o pai morreu, aí ficou o Hugo Froemming para bater o sino, e permaneceu durante uns 60 anos, desde quando se confirmou<sup>16</sup>. Depois não se achava mais ninguém para bater o sino, por fim tiveram que pagar alguém para bater o sino. Eu também batia o sino, o Lauro Froemming, a sua mulher, a Hildegard (TOILLIER e<sup>17</sup>, 2022).

Hildegard Froemming fala que seu marido, Lauro Froemming, também colaborou com a função de bater o sino e sua manutenção:

Ele se dedicava mesmo à igreja. Ele não queria que a religião se perdesse, sempre trabalhou de graça, [...] a vida inteira ele, a sua mãe e o Hugo Froemming (seu irmão) batiam o sino de graça para a Igreja. Também fazia a manutenção do sino, passava graxa, porque era tudo manual. Ele fazia tudo de graça porque queria que a comunidade se mantivesse. (FROEMMING a, 2022).

Conforme Montanheiro (2016), os sinos adquiriram, ao longo do tempo, um significado que era decodificado pela população local e, por esse motivo, foram constantemente tocados. Com o soar dos sinos, além dos habitantes conhecerem a mensagem que pretendia ser transmitida, identificavam de que igreja partia o toque, assim a informação era repassada. Diante disso, a preocupação com os si-

<sup>16</sup> “Confirmado” é a denominação que se dá ao indivíduo que conclui o ensino confirmatório, período ao qual a criança passa a ter contato com os ensinamentos bíblicos e passa a compartilhar os dogmas religiosos de sua comunidade. A conclusão deste período de ensino é chamada de “confirmação”.

<sup>17</sup> Tusilda Elsbeth Toillier concedeu entrevista em 27/01/2022.



nos da igreja se justifica, pois através deles era possível avisar todas as pessoas da colônia sobre diversas ocasiões. Assim, para os moradores da colônia, pertencer a uma comunidade era extremamente importante, porque significava partilhar e pertencer ao grupo identitário. Era uma forma de se integrar ao grupo social de sua localidade e partilhar os mesmos signos e códigos.

Era importante pertencer a uma comunidade confessional. Tanto é que, nos cultos, as igrejas estavam sempre lotadas. Não pertencer a uma igreja significava ser marginalizado (ou se automarginalizar) e podia também significar, no entender dos igrejeiros, não ser abençoado por Deus na vida e nem na lavoura. Muito se ouvia dizer que “*viver sem religião*” equivale a viver sem Deus, e viver sem Deus significa levar uma vida devassa e sem moral. Nesta concepção, agradavam aquelas pregações que estabeleciam princípios éticos e morais bem claros, preferencialmente alicerçados em palavras do próprio Jesus ou de outros textos bíblicos. A fiel participação na comunidade religiosa tinha também o caráter de direitos adquiridos. Quem frequentava a *sua igreja* tinha o direito de contar com a assistência do pastor em casos de necessidades na família, como doenças e outras dificuldades. Mas também adquiria o direito a ofícios, como batismo, confirmação, casamento e enterro, sobretudo (RÖLKE, 2016, p. 571).

Um dos princípios básicos que teria levado os colonos a formarem suas comunidades religiosas, está vinculado à necessidade da criação de uma vida social com caráter oficial. Radünz (1996) confirma que a matriz luterana procurou determinar, dentro das sociedades, as normas de comportamentos e atitudes que deveria serem adotadas, ela estabeleceria as noções de “Sagrado e Profano”.

A vida dos fiéis era dividida entre lazer, trabalho e vida religiosa. Com a repetição e pregação deste sistema de autoridade, os padrões de vida que se almejavam eram postos em prática e repassados para as futuras gerações.

Para tanto, a construção de um templo proporcionava uma vivência religiosa mais fácil e integrava os membros da comunidade no mesmo local. Neste espaço, a figura do pastor também se torna um personagem de extrema importância, pois fornece o apoio para a comunidade, uma vez que ele simboliza o intermediário entre Deus e os homens.

Na organização religiosa em estudo, vários foram os pastores que atuaram, conforme pode ser visto a seguir: Max Dedekind (1899-1903); Karl Herrmann Paul Menzel (1903-1925); Wilhelm Dehmlow (1926- 1929); Wilhelm Ziebarth (1929-1931); Heinrich Zippel (1931-1937); Kurt Riemann (1937-1941); Karl Malgut (1941-1947); Wilhelm Küster (1947-1949); Herbert Wandschneider (1949 -1956); Wilfried Buchweitz (1956-1965); Oscar Hennig (1965 -1970); Huberto Kirchheim (1970-1976); Roland Brueggemann (1976-1984); Ildo Kayser (1984-1999); Lair Hessel (1985-2019); Ivário Fries (2000-2020) e Jair Luiz Holzschuh, Rosângela Beatriz Hünemeier Hessel e Clarise Ilaine Wagner Holzschuh (2020- atual).

A esse respeito, Radünz (1996) menciona que, ao longo do tempo, a atividade pastoral exercida dentro da Comunidade Evangélica podia ser subdividida em quatro grandes partes: no período da infância, na adolescência, na idade adulta e na velhice, que corresponde ao batismo, confirmação, casamento e enterro. Além disso, para que as atividades da vida comunitária e religiosa fossem gerenciadas de forma satisfatória, surge a criação de estatutos que eram elaborados pelas comunidades luteranas com a finalidade de

organização interna, delineando parâmetros de sua atuação (RADÜNZ, 2008). Ao lado, parte do Estatuto da Comunidade Evangélica de Vila Melos, publicado no Diário Oficial do estado do Rio Grande do Sul, em 21 de julho de 1951.

Conforme o documento, os moradores da antiga Vila Melos têm interesse em praticar a religião luterana, filiando-se ao Sínodo Rio-grandense. Também são mencionadas as dependências da comunidade, as atribuições dos membros, bem como a forma de administração adotada. Na data de publicação do referido estatuto, os representantes da referida Igreja eram: Helmuth Seibert (presidente), Carlos Froeming (secretário), Arnaldo Roberto Seibert e Carlos Alfredo Kirst (tesoureiros).

**Figura 7.** Estatuto da Comunidade Evangélica de Vila Melos. Fonte: Acervo da Comunidade Evangélica de Vale Verde.

**ESTATUTOS DA COMUNIDADE  
DE EVANGÉLICA DE VILA  
MELOS**

Art. 1.º Denominação, fins, e séde.

A Comunidade Evangélica de Vila Melos é uma associação religiosa, evangélica, filiada ao Sínodo Riograndense, que tem por fim manter a doutrina cristã entre os seus associados e os membros de suas famílias e observar as normas da vida evangélica com base na Sagrada Escritura e nas confissões da reforma Luterana. A séde da comunidade é o lugar denominado Vila Melos, 3.º distrito do município General Câmara.

Art. 2.º — Administração e representação.

A Comunidade é administrada por uma diretoria eleita bienalmente, composta de presidente, tesoureiro e secretário bem como o paróco.

A Comunidade é representada ativa e passiva — judicial e extrajudicialmente pelo seu presidente. Os Títulos de dívida e atos de alienação precisam ser assinados, para terem validade, pelo presidente e por dois membros da diretoria, e devem ser previamente autorizados pela assembléia geral.

Art. 3.º — Reforma dos Estatutos.

Os Estatutos podem ser reformados no tocante a administração e qualquer outro ponto, mas, sómente por uma assembléia geral regular e expressamente convocada para esse fim e mediante maioria de tres quartos de todos os associados

O pastor Jair Luiz Holzschuh<sup>18</sup>, ao considerar a religiosidade e o papel da igreja dentro da Comunidade Luterana de Vale Verde na atualidade, afirmou:

Acredito que a igreja orienta a vida das pessoas, é um componente importante na vida das pessoas, na tomada de decisões, quanto mais frequente os mandamentos da igreja estiverem na vida dos membros mais coerente vão viver sua vida no dia a dia, acredito que esta seja a principal influência da igreja (HOLZSCHUH, 2022).

Nota-se que o papel da igreja, segundo o pastor, tem o poder de transformar a vida social de seus membros, influenciando positivamente em suas ações cotidianas. E, de fato, a existência de uma organização religiosa propiciou um elemento de unidade entre os membros, um fator identificador do grupo social e étnico. Um vínculo identitário se estabelecia a partir da religião evangélica luterana, recriando, reelaborando e construindo novos aspectos de uma identidade germânica, agora em um novo território e em contato com outros imigrantes alemães (nesse caso, católicos) e com os *brasileiros* (descendentes de portugueses, indígenas e negros) que já habitavam os arredores da colônia.

## A ORIGEM DOS CEMITÉRIOS E SUA RITUALÍSTICA

Um aspecto sociocultural, que acompanha todas as sociedades humanas, e que esteve entre as preocupações nos primórdios da colonização em Rheingau, diz respeito à demarcação e construção de um cemitério comunitário. Essa foi uma questão resolvida em um

<sup>18</sup> Jair Luiz Holzschuh concedeu entrevista em 02/02/2022

período anterior à construção do templo religioso luterano, porém provocou os primeiros desentendimentos internos da comunidade. Os motivos para essas desavenças parecem incertos.

Duas versões competem a verdade dos fatos: uma versão aponta que o primeiro cemitério fundado em Rheingau foi o Cemitério dos Mellos, localizado na rodovia ERS-244. De acordo com os levantamentos realizados por Ubatuba, Froemming e Azeredo (2021), a área teria sido doada por Emílio de Mello e Albuquerque, um dos filhos de Antônio Vieira de Mello, em 1903, após a morte deste. A doação da área seria uma forma de homenagear o pai falecido. Logo após, é iniciada a construção do muro de separação entre evangélicos e católicos, que teria sido construído em 1903 por Robert Franke. O primeiro sepultamento evangélico teria sido o de Hilda Seibert, filha de Emílio Seibert e Sophie Wilhelmine Karoline Seibert Ebert.

O cemitério teria a finalidade de receber tanto católicos quanto evangélicos. A família Mello era católica, mas também permitiu a presença dos evangélicos no local. A única forma de separação que existiu - e ainda se faz presente no referido cemitério - é a presença de um muro de pedras que, como dito anteriormente, serviu para segregar e organizar os dois grupos religiosos.

Porém, para a outra versão, a sequência dos acontecimentos apresentaria algumas diferenças. A área onde foi demarcado o cemitério teria sido doada por David Hoelz, “um pedaço de terra a livre escolha dos membros da comunidade, quanto a local e tamanho, para a construção. De imediato foi escolhido e demarcado o terreno com área de 250m<sup>2</sup> e, em 1902, [...] foi construído o muro ao redor” (COMUNIDADE, 2000a, p. 5). Além disso, afirma que o primeiro sepultamento evangélico foi outro. “Em 1903 foi aberta a primeira sepultura neste cemitério, sepultura de uma criança recém-



**Figura 8.** Muro de separação entre católicos e evangélicos do Cemitério dos Mellos.  
**Fonte.** TOILLIER, Arnaldo Seibert, 2022.

-nascida, chamada Baulduin Weber, filho de Heinrich e Ida Weber” (COMUNIDADE, 2000b).

A sepultura da criança citada acima ainda existe na atualidade e se destacada das demais, devido ao fato de ter sido construída no formato de um pequeno coração, além de estar localizada à esquerda do portão principal, ou seja, do lado evangélico do cemitério. Essa lápide não apresenta nenhuma data de falecimento ou nascimento, de modo que o ano de sua criação, 1903, apenas é mencionado nos documentos da Igreja Luterana. Esse fato pode ter levado ao erro de se referir a sepultura de Hilda Seibert como a mais antiga do local, já que a sepultura dela possui datação, sendo a segunda mais antiga, datada de 1904.



**Figura 9.** Sepultura de Heinrich Weber à esquerda, sepultura de Hilda Seibert à direita. Fonte: TOILLIER, Arnaldo Seibert, 2022.

Como podemos ver, as duas versões diferem quanto ao princípio dos acontecimentos que giram em torno da data da construção do muro que marca a divisa entre Católicos e Luteranos, e do primeiro sepultamento feito na parte evangélica do cemitério. Outro acontecimento que novamente deixa incertezas, diz respeito aos desentendimentos entre os membros que frequentavam e utilizavam o espaço, o que leva a criação do segundo cemitério evangélico de Rheingau, na data de 1906. O cemitério está situado nas proximidades da atual Comunidade Luterana, na Estrada dos Alambiques.

A versão de Ubatuba, Froemming e Azeredo (2021) trata que

o desentendimento teria ocorrido entre as famílias de August Schuch e Heinrich Weber, pioneiros da imigração no município. Os motivos dos desentendimentos teriam como estopim a divisão de terras entre as duas famílias, já que eles eram vizinhos lindeiros. No entanto, o autor reconhece não haver certeza sobre isso, mas a informação é confirmada por Arlindo Toillier<sup>19</sup> em entrevista:

A divisão do cemitério, eu conheço a história porque ouvi os outros comentarem. Dizem que os desentendimentos teriam começado por causa de brigas por causa da divisa de terras, entre as famílias Weber e Schuch. Eles queriam ser enterrados um longe do outro, então se cria um novo cemitério. A primeira pessoa que está enterrada no novo cemitério é uma criança, Whilhelm Leindecker (TOILLIER b, 2022).

A outra narrativa aponta que “em 1906, foi criado ainda um segundo cemitério evangélico, desta vez na propriedade de Heinrich Weber, desentendimentos com David Hoelz motivaram a criação deste segundo cemitério evangélico” (COMUNIDADE, 2000b). Essa fonte não menciona as causas dos desentendimentos, apenas considera que os envolvidos no episódio não são os mesmos do primeiro caso. Trata-se de David Hoelz e Heinrich Weber. De qualquer forma, a criação do segundo cemitério ocorre em 1906, sendo que a primeira sepultura é a de Whilhelm Leindecker. A sepultura existe até a atualidade.

<sup>19</sup> Arlindo Toillier concedeu entrevista em entrevista em 29/01/2022.





**Figura 10.** Sepultura de Wilhelm Leindecker. Fonte: TOILLIER, Arnaldo Seibert, 2022.

Afastando-se destes pormenores, é relevante questionar a importância destes espaços de memória para os imigrantes, seu sentido religioso e a forma como desfrutavam destes locais. Como já havia sido mencionado em outros trechos deste trabalho, a morte era algo bastante presente durante a vida dos primeiros colonos imigrantes. Possuir, neste momento, o auxílio religioso era importante e necessário:

Entre os primeiros colonos, era inconcebível um enterro sem acompanhamento religioso. A devoção aos

entes queridos foi uma realidade cultural enraizada no sentimento destes imigrantes. Diante do absurdo da morte, havia a necessidade de uma palavra de consolo, e conforto, que de alguma forma viesse a amainar o profundo pesar pela morte de alguma pessoa querida (RADÜNZ, 1996, p. 102).

Busse (2010) ressalta o papel que os pastores desenvolviam na comunidade. Na figura do pastor, os imigrantes obtinham o consolo e o amparo, visto que as dificuldades os rodeavam. A dor, o sofrimento e a angústia eram presentes no cotidiano, uma vez que o isolamento social era uma realidade, muitas vezes levando a atos suicidas. O pastor era uma pessoa com voz ativa, que reunia o grupo religioso em torno da palavra de Deus, renovava a fé de todos com mensagens proféticas. Muitas vezes os pastores também tinham profissões artesanais, como carpinteiros e marceneiros, além de terem o compromisso de gerenciar a vida financeira das igrejas.

No passado, os suicidas eram tratados de forma diferente, ao serem enterrados.

As pessoas que se matavam não entravam pela porta do cemitério. Não assisti isso, isso fazia muito tempo. Eles eram passados por cima do muro, [...] hoje não se olha mais por isso, eu sempre achei isso errado. [...] Os túmulos deles ficavam separados dos outros, bem no canto do muro, era só uma pedra simples, sem nenhum detalhe, [...] esses túmulos sumiram, não existem mais hoje (SEIBERT a<sup>20</sup>, 2022).

Como mencionado anteriormente, o isolamento, dentre outras questões, provocava um grande número de suicídios. Quando

<sup>20</sup> Anita Seibert concedeu entrevista em 17/04/2022.

atos dessa natureza vinham a acontecer, toda uma ritualística era empregada. Os atos suicidas eram considerados impuros e malvistos. Dentro da colônia, a morte era uma realidade muito presente. Para Müller (1984), ela tinha uma rápida repercussão, uma vez que todos se conheciam e não tinham tantos moradores como hoje. Os serviços do funeral geralmente eram prestados por pessoas próximas do morto, com muito respeito e acolhimento.

Novamente, surge o pastor e sua finalidade, pois é o indivíduo encarregado de compartilhar o luto entre os irmãos da comunidade. “Este modelo de consolo compartilhado no mais das vezes através do sermão fúnebre, via de regra, se baseava num texto bíblico” (RADÜNZ, 1996, p. 103). O pastor tinha a difícil tarefa de explicar e dar sentido a morte, dando consolo aos enlutados, além de renovar as expectativas de uma vida melhor ao falecido.

A morte era algo tão presente que o próprio vestuário era pensado para ser utilizado em vários momentos da vida do imigrante.

Numa época em que a morte estava mais integrada à vida cotidiana, nas cerimônias de casamento, as noivas trajavam vestido preto e grinalda branca, os noivos vestiam terno preto. A roupa de ambos continuaria a ser utilizada em todas as ocasiões solenes de que viessem a participar no futuro, inclusive os inúmeros velórios que seriam realizados na própria casa. Mesmo sem se darem conta disso, os colonos alemães guardavam no roupeiro o símbolo que sintetizava o ciclo da vida nas picadas. O vestido da noiva era o traje que dava início ao ciclo que visava gerar filhos, para o trabalho na propriedade e no crepúsculo da vida era companheiro inseparável na espera pela morte (BLUME, 2010, p. 209).

Tal como aponta Blume (2010), também existem diferenças sociais que podem ser visíveis dentro dos cemitérios: lápides trabalhadas com detalhes se referem a pessoas que possuíam condições financeiras superiores, enquanto lápides lisas, baixas e sem detalhes indicam pessoas que eram humildes. Também existia diferença dentro do cortejo fúnebre até o momento do enterro. A morte simbolizava o momento em que os colonos se uniam para prestar as últimas homenagens. O ambiente do cemitério era um local de veneração e lembrança dos mortos, um elo que une o presente e o passado. Com isso, o local adquire uma importância como espaço de memória:

O cemitério é importante pois lá podemos levar as pessoas da nossa família depois que morrem, podemos levar flores para lembrar deles, podemos levar os familiares para fazer visitas aos nossos entes queridos. [...] Se não fosse o cemitério, não teríamos onde levar os nossos mortos, nossos pais, nossos avós. (SEIBERT a, 2022).

Araújo (2015) enxerga o espaço que o cemitério representa, como a negação da morte ou, ao menos, que ele represente um fim para a vida. Representa um local de lembrança, de construção e manutenção de vínculos subjetivos, e as relações entre vida/morte são evidenciadas nas formas, escritas e símbolos que compõem esse espaço. O cemitério é visto como um ambiente sagrado, da mesma forma como a comunidade respeita a igreja, o mesmo sentimento é sentido em relação ao local onde residem os seus mortos. Esse também é um local de culto, cheio de significações e significados.

## A IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE PARA SEUS MEMBROS E SEUS DESAFIOS NA ATUALIDADE

Nesta seção, se pretende analisar as percepções que os atuais membros da igreja evangélica possuem sobre ela. São apresentados, num primeiro momento, os elos afetivos que se estabelecem entre a comunidade, para depois investigar as principais preocupações dessas pessoas com a perpetuação de sua religião. Ao longo das entrevistas realizadas com os membros luteranos mais antigos, muitos mencionaram que se sentem pertencentes à comunidade em função da interação que desenvolvem com ela. Durante suas vidas, a comunidade tem se tornado uma forma de socialização, um espaço de fé coletiva, celebração, cooperação e memória que deixa marcas ao longo de sua trajetória.

O atendimento pastoral em suas principais faces, como o batismo, o casamento, a confirmação e a educação também merece destaque. A forma como o atendimento religioso se transforma em uma ferramenta com profunda dimensão social é evidenciada por algumas falas:

Ora, ela significa tudo para mim, É que eu fui batizada ali, fui confirmada, e casei ali, para mim é muito gratificante participar dela, [...]. Para mim é muito bom, porque, desde criança, meus pais já se dedicavam a igreja, eles batiam o sino, e eu ali no meio, fui crescendo junto com eles. Depois, sempre participei do coral, participando dos cultos, em 1977 fui festeira da Festa de Maio (TOILLIER e, 2022).

Aspectos relacionados à presença do grupo familiar nas cerimônias religiosas, e no engajamento das gerações mais novas desde a sua infância eram incentivados, como uma forma de cativar a conti-

nuidade dos valores e da própria religiosidade. A presença da língua alemã também era uma regra para os cultos.

Frequentei o culto infantil quando participava dos cultos com meu pai, me obrigava a ir aos cultos, tudo era realizado em alemão, a religião era importante, toda a família tinha que ir junto. Todas as famílias se envolviam muito na comunidade, quando a igreja foi construída todos contribuíram para isso acontecer (DETTENBORN<sup>21</sup>, 2022)

Como evidenciam as falas, o sentimento de cooperação é bastante presente. Segundo Iria Schuch<sup>22</sup>, a comunidade se reuniu, conseguiu superar as dificuldades e construir tudo que tem hoje em função da cooperação:

Tudo na comunidade foi um crescimento, como está sendo continuado agora, tivemos que construir pedra sobre pedra, agora estamos fazendo a sua reforma, o que está acontecendo na atualidade. Ainda temos pessoas que estão colaborando para isso, através de doações, rifas, as Festas de Maio, as cucas que as mulheres se dispunham a fazer sem ganhar nada em troca, tudo foi construído por uma parceria (SCHUCH b, 2022)

Durante muito tempo, a igreja representou a única forma de socialização. Não existiam tantas festividades e encontros sociais como atualmente. As atividades desempenhadas pela igreja eram abraçadas por todos. Um evento da comunidade era grandioso e noticiado em toda a localidade. Tudo isso acabava influenciando as atitudes cotidianas.

<sup>21</sup> Theolina Dettenborn concedeu entrevista em 08/02/2022.

<sup>22</sup> Iria Schuch concedeu entrevista em 27/01/2022.

O que meu pai me ensinou ao longo da minha vida toda, foi que a igreja, a Comunidade Evangélica, representava um dos maiores valores da vida dele, que Deus é muito importante na vida das pessoas, que ter fé é fundamental, e que isso se refletia no cuidado que ele e sua família tinham com a igreja e com a comunidade. Era um estilo de vida, na época, a maior felicidade para meu pai era um culto, um casamento, um evento da igreja, as maiores alegrias pareciam estar vinculadas às celebrações da comunidade, as pessoas também estavam mais presentes na comunidade, um culto era um evento, a fé era demonstrada no dia a dia, através das atitudes. (FROEMMING c<sup>23</sup>, 2022)

Para Radünz (1996), a religião estava intrinsecamente ligada ao *modus vivendi* deste povo, caracterizada por pequenas comunidades, com estrutura própria, visando atender às necessidades espirituais dos membros. A igreja e a religiosidade simbolizam um esteio para as horas difíceis, um direcionamento para a vida.

Pra mim, ela é importante, eu penso, que cada pessoa tem que ter uma religião, e tem que praticar, porque ela faz parte da vida, eu gosto muito da minha religião, eu não troco a minha religião por nada, porque quando acontece algo contigo, tu tens a religião para se apegar (TOILLIER<sup>24</sup> d, 2022).

A conexão com Deus, do ponto de vista de Gutz e Camargo (2013), é algo importantíssimo para a espiritualidade dos indivíduos, revelando a forma como determinada pessoa se porta diante das mais variadas situações da vida. Os autores expõem que certos

<sup>23</sup> Marta Froemming concedeu entrevista em 08/02/2022.

<sup>24</sup> Irmgardt Toillier concedeu entrevista em 27/01/2022

comportamentos e crenças religiosas têm um impacto benéfico na felicidade e na saúde física dos mais idosos, incentivando que tenham atitudes saudáveis.

Entretanto, um mundo sem transformações é inimaginável. Por mais longa e duradoura que se mantenham as tradições, os ritos, os costumes, cedo ou tarde passarão por modificadores. É um processo natural e que tende a afetar todos os recantos da história das mais variadas sociedades. Esse é o efeito do tempo. Seyferth (2016) aponta que dentro do processo da imigração, sobretudo em casos em que existe uma continuidade temporal, como no caso de Vale Verde, o processo de construção da identidade do grupo étnico passa por atualizações e transformações que são repassadas as futuras gerações. A identidade do grupo não tende a desaparecer, mas passa a se ressignificar com o tempo, tendo em vista que as próprias fronteiras sociais não são estáveis e a dinâmica cultural está em constante movimento.

Portanto, para manter o funcionamento das atividades pastorais de determinada localidade, é necessário passar por mudanças ao longo dos anos, adaptações aos novos membros, pois todas as formas de organização buscam ressignificações para não se perderem ou se tornarem obsoletas. Por isso, na atualidade, surgem dúvidas em relação ao futuro da comunidade. Uma das primeiras questões levantadas por Arlindo Toillier, diz respeito ao número de confirmandos, que tem diminuído bastante:

Sempre tinham bastante confirmandos. Ano que vem (2023) terá um, o meu neto. A pastora preferiu confirmá-lo junto com os outros, vai ser confirmado com 12 anos, se não ela teria que dar doutrina só para ele ano que vem [...]. Mas quando eu fui confirmado, começamos a doutrina com 32, a classe tinha os guris do ano de 1942-44 e as meninas de 1943-44 (TOILLIER b, 2022).



Esta questão também é ressaltada por Iria Schuch:

Eu acho a Comunidade uma coisa fundamental, só que infelizmente, a maioria dos jovens está largando muito a comunidade, isso me preocupa muito [...]. Eu acho fundamental manter uma comunidade unida, e graças a Deus, aqui nós ainda temos uma, mas tem lugares em que elas estão se desfazendo (SCHUCH b, 2022).

Notadamente, o número de jovens que frequentam as atividades religiosas tem diminuído. Parte disso está ligado ao fato de, hoje em dia, os casais terem menos filhos do que antigamente, mas, ainda assim, a inserção dos jovens na comunidade está rareando gradativamente. Muitos cumprem apenas as atividades do ensino confirmatório e não voltam a participar, resultando na presença de um público de pessoas mais velhas nos cultos e cerimônias. A esse respeito, o pastor Jair Luiz Holzschuh pondera que:

A igreja ajuda na educação das crianças em casa, ela fazia parte do dia a dia da comunidade, os pais vinham aos cultos e os filhos participavam dos cultos infantis, e isso é uma coisa que falta aqui em Vale Verde, deveria ter muito mais gente nos cultos. Teríamos espaço para fazer, enfim, temos que ajustar e ver como podemos melhorar (HOLZSCHUH, 2022).

O pastor reconhece a dificuldade enfrentada em se estabelecer uma forma interativa de comunicação com as gerações mais novas, mas pensa que essas atividades possam ser desenvolvidas. Tais preocupações se enquadram no que foi apontado anteriormente, quando mencionamos que a construção da identidade passa por atualizações e transformações provocadas pelas novas gerações. Ocorrem ressig-

nificações em função do tempo e de que as fronteiras sociais e culturais estão em constante movimento.

Nesse sentido, continuam existindo elementos culturais em comum, mas sofrendo alterações aceleradas pelo impacto da globalização, que instiga à miscigenação cultural, étnica, linguística e religiosa. Não se pode esquecer que uma região ocupada é um espaço socialmente construído e transformado pelas relações sociais e por transmissão de valores. E, o entorno da antiga colônia Rheingau, foi palco de ocupação indígena, cabocla, escrava, luso-brasileira. Com isso, no transcorrer dos acontecimentos, lentamente ocorreu modificação das relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Assim, as identidades foram sendo reconstruídas.

Outra questão levantada por Irmgardt Toillier é sobre a administração dos recursos financeiros da igreja: “é difícil, manter tudo no prazo, no tempo certo, manter a comunidade é muito difícil. [...] Já me disseram que a comunidade acabaria. [...] meu filho, Frederico Toillier, quando assumiu a comunidade, disse que tentaria pagar a dívida” (TOILLIER d, 2022).

Sua preocupação está direcionada à questão financeira da entidade, que já esteve com dívidas em função de reformas mal administradas. Situação que vem sendo contornada com bastante esforço durante as últimas administrações, mas que já colocou a prosperidade e o futuro da igreja em uma posição difícil. Além disso, reformas na estrutura do templo também se fizeram necessárias ao longo dos anos. As obras foram realizadas dentro de um orçamento desenvolvido pela administração atual (2022), e com recursos financeiros disponíveis na igreja. Frederico Toillier<sup>25</sup>, atual presidente, comenta sobre algumas obras realizadas, como no telhado, nos bancos,

<sup>25</sup> Frederico Toillier concedeu entrevista em 12/02/2022.

no ginásio, entre outros. A reestruturação dos espaços pertinentes a comunidade vem sendo o foco dos trabalhos do atual presidente. A manutenção desse espaço é de grande importância para a permanência das atividades do grupo religioso, de suas festividades, e do próprio sentimento de pertencimento ao grupo.

Em relação ao entrosamento da Igreja Luterana com as demais manifestações religiosas e sistemas de crenças do município, existe uma aproximação com a religião católica, já que ambas participam do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) e há um respeito entre as práticas religiosas praticadas entre as duas entidades. Com as igrejas pentecostais está sendo mais difícil. Além disso, salientou Holzschuh, “nossa igreja é ecumênica, qualquer pessoa que se sente bem pode participar” (HOLZSCHUH, 2022).





III  
O DESAFIO PARA  
CONSTRUIR O PROJETO  
EDUCACIONAL

Outro aspecto relevante para os imigrantes alemães é a preocupação em disponibilizar escolarização para suas crianças, com a criação de prédios e instituições escolares. Assim, o sistema de ensino que emerge esteve estritamente vinculado às igrejas evangélico-luteranas e também às igrejas católicas. Se caracterizou como um dos meios mais importantes de acesso à educação e uma forma de disseminar valores religiosos e também o cultivo dos costumes germânicos.

Conforme Radünz (1996), a educação simbolizou uma preocupação bastante presente durante o processo de imigração. Todos os esforços relativos à implantação de um sistema escolar dentro das áreas de colonização alemã ficaram sob responsabilidade dos próprios imigrantes. Esse sistema surge como uma resposta à falta de interesse pela educação por parte do governo e não só a uma questão puramente étnica.

Na ausência do que vamos genericamente chamar de “escola gaúcha”, surgiu a “escola particular”, isto é, a escola regida por um professor nem sempre formado especialmente para esse mister, e que era pago pelos

pais. Essa “escola particular” não existia na Alemanha dos imigrantes porque lá a escola era pública. Foi ela, pois, uma decorrência da escassez de escolas entre nós (MÜLLER, 1994, p. 67).

O valor da educação nunca foi totalmente compreendido pelo governo imperial, mas para os imigrantes, essa era uma necessidade enquanto comunidade, uma forma de integração e propagação da língua, da religiosidade, dos saberes, da alfabetização, dos costumes e das tradições. Enfim, de manutenção de sua própria identidade. Além disso, Meyer (2000) pontuou que

A Igreja Evangélica parece ter atuado, de meados do século XIX até em torno de 1940, como uma instituição religiosa e social que muitas vezes se permitiu (ou pretendeu) assumir o lugar do Estado no seio das colônias de imigrantes, o que se pode perceber, por exemplo, pela forma decisiva com que assumiu a organização do sistema escolar evangélico e o processo de formação de professores (MEYER, 2000, p. 81).

Havia, portanto, uma forte relação da escola com a igreja e, como em muitas outras regiões povoadas por imigrantes alemães, a Comunidade Evangélica da antiga colônia de Rheingau também passou pela necessidade da construção de suas escolas. Durante os anos de 1907, é possível observar o aumento dos primeiros grupos de crianças em idade escolar. No entanto, a comunidade ainda não contava com nenhuma estrutura que pudesse ser utilizada como escola. Em 1908, um terreno para a construção da primeira escola evangélica é adquirido. Trata-se de um prédio de madeira. Futuramente, no ano de 1926, em frente a essa mesma área, inicia-se a construção da Igreja Luterana (COMUNIDADE, 2000a).



**Figura 11.** Primeira Escola Evangélica de Rheingau, construída em 1907. Fonte: Acervo da Comunidade Evangélica de Vale Verde.

Mais tarde, em 1933, o professor Arnaldo Dassow propõe a substituição da antiga escola construída em madeira, por uma construção totalmente em alvenaria. A forma de obtenção de recursos para a realização da obra foi similar a construção da igreja: houve a doação de materiais e toda a obra foi custeada pelos membros da Comunidade Evangélica.



**Figura 12.** A nova escola. Fonte: Acervo do professor Silvio Brauch.

Outra preocupação referente à construção do projeto educacional era a construção de uma nova residência que serviria de moradia para o professor, o que ocorreu somente em 1957. Tratava-se de uma casa feita de pedras, destinada a abrigar o professor que estivesse desempenhando atividades educacionais dentro da comunidade.

As pedras com que construíram a Casa do Professor e, até a antiga prefeitura do município, foram tiradas aqui do nosso mato, da nossa terra. [...] Meu pai, o Arnaldo Roberto Seibert, era presidente da comunidade e subprefeito. Nessa época, a terra era dele, [...] muitos caminhões de lajes e pedras foram retirados daqui e doadas para a comunidade (SEIBERT b<sup>26</sup>, 2022).

Como visto acima, mais uma vez, os membros da igreja se mobilizaram para superar as dificuldades. A antiga moradia do professor ainda existe, fazendo parte dos bens comunitários, assim como a antiga prefeitura, porém, essa não faz parte dos domínios da comunidade e, atualmente, não é mais utilizada como prédio público. Na ausência de ambientes educacionais próprios, as aulas eram ministradas na casa do próprio professor ou pastor (FLORES, 2004).

Com a conclusão das obras, um importante passo para o início da educação destas crianças tinha sido alcançado, porém ainda haviam muitos empecilhos para o bom funcionamento desta escola. Moraes (1981) faz menção à presença dos professores na vida das pessoas das antigas colônias. Muitos professores adentravam na difícil rotina dos interiores coloniais, se expondo a desconfortos constantes, relativos à qualidade da moradia que encontravam, à condição de higiene e alimentação e até a possível convivência com famílias locais, vivendo sob o mesmo teto.

<sup>26</sup> Germano Seibert concedeu entrevista em 17/04/2022.





**Figura 13.** A moradia do professor. **Fonte.** Acervo do professor Silvio Brauch.

Estes profissionais da educação passavam por um processo de especialização. Iniciavam seus estudos em uma instituição específica que os preparava para lecionar. “A maioria dos professores que *dava* aula na comunidade vieram do colégio Escola Normal de São Leopoldo, a única exceção foi o Helmuth Seibert. Ele estudou no Colégio Mauá, de Santa Cruz do Sul” (SEIBERT b, 2022). Müller (1984) afirma que a partir do ano de 1941, as escolas evangélicas passaram a exigir que seus professores tivessem formação especial em Escola Normal para lecionar. Tusilda Elsbeth Toillier lembra que seu batismo, ocorrido durante a década de 1930, teria sido realizado por Heinrich Bockius, que atuou na comunidade como professor durante os anos de 1937-1938. Perante isso, é perceptível que alguns professores comunitários também estavam preparados para atuarem como pastores, caso fosse necessário realizar tais afazeres.

Abaixo segue uma lista com os professores que atuaram na

escola comunitária, bem como o ano em que realizaram suas atividades: Otto Munzer e Heinrich Kramer (1907-1911); Carlos Bencke (1912-1918); Gomoll (1919-1926); Gimler (1919-1926); Arthur Gölzer (1926-1927); Müller (1928-1929); Arnaldo Dassow (1930-1937); Heinrich Bockius (1937-1938) e Helmuth Seibert (1938-1940). Entre os anos de 1940 e 1948, a Escola Evangélica permaneceu fechada por determinação governamental. Depois da reabertura, seguiram Albino Fiss (1949-1952); Edvino Glass (1953-1954); Helmuth Seibert (1955-1958); Estevan Goiano Grünwald (1959-1961); Osvaldo Jähn (1962); Silvio Brauch (1963-1964); Cláudio D. Gressler (1965); Siegfried H. Schünemann (1965); Maria de Oliveira (1966); Lieberto Hillkert Streck (1966-1967); Ottmar Schreiner (1968-1969); Ervino Augusto Hellfeldt (1970); Hademuda Hellfeldt (1970); Marlene Möhler (1971) e Iria Schuch (1972-1974) (COMUNIDADE, 2000a, p. 12).

Para caracterizar o funcionamento da educação neste contexto, a professora Iria Schuch comenta sobre a sua experiência enquanto última professora da Escola da Comunidade Luterana, durante os anos de 1972 a 1974.

Eu tinha alunos até o 5° ano. Tinham alunos do 1° ao 5° ano, 36 alunos no total. Todos ficavam juntos, repartíamos o quadro por séries, [...] não haviam repartições na sala, as classes eram compridas, classes para dois alunos. [...] Primeiro atendia o 1° ano, depois, as outras séries, íamos nos organizando, enquanto um copiava do livro, outro copiava do quadro, enquanto um fazia um tema, eu corrigia o tema dos outros. Era bem difícil de trabalhar, mas eu dei conta e, graças a Deus, os alunos, até hoje, ainda me reconhecem, me chamam de professora. Ficou uma marca bem grande para os alunos [...]. Antigamente, nestas escolas pequenas, todos os alunos ficavam juntos (SCHUCH b, 2022).

Percebe-se a presença de alunos de idades variadas permanecendo no mesmo ambiente, sob a orientação de um mesmo professor. Cada série de alunos recebia conteúdos variados, adaptado a sua idade. A diferença etária dos alunos pode ser observada nos registros da turma de 1963, bem como outras características:

| Número da matrícula | Data (dia e mês) | NOME DO ALUNO (por extenso) | Sexo (M = masculino, F = feminino) | Partido de registro (nº de registro) | DATA DO MATRÍCULO |     |      | Idade em anos, meses e dias (at 31 de julho) | Nacionalidade (assin = brasileira; S = estrangeira; B = naturalizado em território onde nasceu) | Ass. em qual escola (nº de matrícula em qual escola) | TEMPO ESCOLAR (em anos) |                 |                            |  | PROCEDÊNCIA DO ALUNO |                               |                               |                               | A que distância da Escola (km) |    |    |    |    |    |    |    |    |
|---------------------|------------------|-----------------------------|------------------------------------|--------------------------------------|-------------------|-----|------|--|---|--|-------------------------|-----------------|----------------------------|--|----------------------|-------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|--------------------------------|----|----|----|----|----|----|----|----|
|                     |                  |                             |                                    |                                      | Dia               | Mês | Ano  |  |   |  | Na própria escola       | Em outra escola | Da própria escola em outra | Da outra escola (P = Federal, E = estadual, U = municipal, F = particular) | Do trabalho          | Do exterior (nº de matrícula) | Do interior (nº de matrícula) | Do exterior (nº de matrícula) |                                |    |    |    |    |    |    |    |    |
|                     |                  |                             |                                    |                                      |                   |     |      |  |   |  |                         |                 |                            |  |                      |                               |                               |                               |                                | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 |
|                     |                  |                             |                                    |                                      |                   |     |      |  |   |  |                         |                 |                            |  |                      |                               |                               |                               |                                |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 1                   | 4-3              | Edelmar Nelson              | M.                                 | sem                                  | 7                 | 7   | 1957 | 10   | R. C. S.  | 2  | 2                       | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 100                            |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 2                   | 4-3              | Alvaro Kelly                | M.                                 | n.                                   | 30                | 4   | 1949 | 14   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 200                            |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 3                   | 4-3              | Adelmar Aparecida           | M.                                 | n.                                   | 30                | 3   | 1950 | 13   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 150                            |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 4                   | 4-3              | Francis Hoffmann            | M.                                 | n.                                   | 29                | 9   | 1929 | 32   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 150                            |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 5                   | 4-3              | Lydia da Silveira           | M.                                 | f.                                   | 28                | 1   | 1950 | 13   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 200                            |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 6                   | 4-3              | Edmar Augusto               | M.                                 | n.                                   | 17                | 5   | 1953 | 10   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 5000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 7                   | 4-3              | Clair Aparecida             | M.                                 | f.                                   | 16                | 7   | 1957 | 12   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 8                   | 4-3              | Francis Antonio Filho       | M.                                 | n.                                   | 31                | 5   | 1951 | 12   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 9                   | 4-3              | Genete Aparecida            | M.                                 | f.                                   | 15                | 7   | 1951 | 12   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 10                  | 4-3              | Armando José                | M.                                 | n.                                   | 5                 | 6   | 1951 | 12   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 11                  | 4-3              | Wilson Hugo Sousa           | M.                                 | n.                                   | 33                | 4   | 1951 | 12   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 12                  | 4-3              | Elizete Mendes              | M.                                 | f.                                   | 30                | 11  | 1919 | 43   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 13                  | 4-3              | Alfonso Mendes              | M.                                 | n.                                   | 3                 | 10  | 1958 | 7  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 14                  | 4-3              | Waldemar Lopes              | M.                                 | n.                                   | 14                | 1   | 1952 | 11   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 15                  | 4-3              | Augusto Kelly               | F.                                 | f.                                   | 4                 | 8   | 1957 | 8  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 500                            |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 16                  | 4-3              | Augusto Augusto             | M.                                 | n.                                   | 30                | 3   | 1928 | 34   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 200                            |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 17                  | 4-3              | Augusto José Leitão         | M.                                 | n.                                   | 29                | 3   | 1923 | 40   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 200                            |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 18                  | 4-3              | Luiz José                   | M.                                 | n.                                   | 9                 | 4   | 1953 | 10   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 500                            |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 19                  | 4-3              | Edis José                   | M.                                 | n.                                   | 9                 | 9   | 1957 | 8  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 20                  | 4-3              | Edimilson Casparyberg       | F.                                 | m.                                   | 17                | 9   | 1957 | 10   | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 400                            |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 21                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 22                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 23                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 24                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 25                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 26                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 27                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 28                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 29                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 30                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 31                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 32                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |
| 33                  | 4-3              | Wilson Aparecida Mendes     | M.                                 | n.                                   | 22                | 8   | 1957 | 9  | 10 C. S.  | 12   | 12                      | 0               | 0                          | 0  | 0                    | 0                             | 0                             | 0                             | 1000                           |    |    |    |    |    |    |    |    |

Figura 14. Alunos matriculados em 1963. Fonte: Acervo do professor Silvio Brauch.

Neste caso, são listados estudantes com idade entre 8 e 14 anos, formando uma turma que superava a marca de 30 crianças. Também pode ser visualizado o gênero, o ano escolar ao qual cursavam, a quantidade de repetências do ano letivo, a distância percorrida para chegar até a escola e a procedência dos alunos, oriundos de escolas municipais, estaduais e, até mesmo, se já estudavam na escola evangélica.

A convivência entre a escola, a família e a comunidade era bastante comum, pois era possível perceber uma valorização da educa-

ção, do espaço da escola e um respeito pelo trabalho prestado pelo professor.

A convivência com os pais era bastante legal. Quando queríamos fazer uma atividade, uma festinha de São João, os pais eram muito acessíveis. Hoje em dia, já está tudo muito distanciado, naquele tempo, dava-se muito valor ao professor. [...] Quando eu precisava dar uma limpeza geral na escola, as mães ajudavam. Fins de semana e sábados à tarde, meu único turno livre, nós limpávamos a escola. Os meninos e as meninas maiores ajudavam, fazíamos uma escala para organizar as limpezas dos sábados, colocamos as classes para fora para lavar tudo, escovar o chão de tábua (SCHUCH b, 2022).

A valorização do processo educacional pelos colonos deste período pode ser entendida pelo fato de que ele era inacessível para muitos. Deste modo, aqueles que podiam ter acesso à educação se sentiam privilegiados, com o dever de cuidar de sua escola. A formação escolar inseria o estudante em um espaço educacional singular, com características próprias, no qual os conteúdos abordados possuíam um objetivo prático, com a finalidade de auxiliar o aluno em sua vida cotidiana:

Eram muito bonitos, os meus anos de escola. Estudei dois anos com o Helmuth Seibert, 4° e 5° ano [...]. Quando ele dava aula de história e Geografia, todos os alunos guardavam os livros e ele começava a explicar [...]; as aulas de matemática, ele dava uma medida “pra” ti, tu tinhas que saber as fórmulas de tudo, tamanho do tijolo. Ele te dava uma medida da casa, tamanho das portas e janelas, você tinha que resolver o problema de quantos tijolos e quantas telhas tinham na casa (TOILLIER b, 2022).



As informações apresentadas acima mostram que os alunos matriculados em 1963 eram integrantes de famílias luteranas e católicas do meio rural, possuindo profissões que se inseriam nesse ambiente, como filhos de agricultores, donas de casa, pequenos comerciantes, pedreiros, ferreiros e moleiros. A proposta da educação era auxiliar o colono em suas tarefas rotineiras, mas nem sempre os afazeres da colônia permitiam que as crianças cumprissem as suas obrigações com os estudos, abandonando-os. Radünz (1996) atribui ao trabalho na lavoura e a posição geográfica em que os imigrantes se inseriram como causa para o abandono escolar. Como já mencionado, os colonos viviam em um isolamento considerável durante boa parte de sua vida e a escola ficava muito longe de suas moradias.

Sobre as dificuldades enfrentadas no deslocamento pelos alunos, a professora Iria Schuch relembra que:

Os alunos vinham a pé de muito longe, uns vinham a cavalo, onde a primeira missão da professora era ajudar o pequenininho a sair do cavalo, amarrar o cavalo, guardar os pelegos [...]. Antes de ir embora, tinha que montar de novo, e eles iam embora. De manhã, aqueles que vinham a pé, lavavam os pezinhos cheios de barro [...]. Tínhamos um pano ali, quem tinha chinelinho colocava o chinelinho, e quem não tinha entrava com os pezinhos limpinhos e sequinhos (SCHUCH b, 2022).

Irgmart Toillier também comenta sobre sua experiência, e as dificuldades de deslocamento enfrentadas enquanto aluna da escola da comunidade, por volta dos anos de 1949 até o ano de 1952:

Para chegar a escola tínhamos que ir a pé [...]. Hoje as estradas melhoraram [...]. Naquele tempo não tinha como andar com os calçados, e se deixássemos eles,

quando chegávamos no cerro, já não aguentávamos mais carregar os chinelos, de tanto barro que grudava. [...] Nós viemos a pé, tinha uma época, que eu vinha de manhã na aula, de tarde eu tinha doutrina, e de noite eu vinha para o coral, para cantar com o pai e a Otilia (TOILLIER d, 2022).

Além das dificuldades de deslocamento, havia a questão financeira da família dos alunos. Com isso, participar das atividades escolares não era acessível para todos, porque deviriam ser pagas mensalidades para cobrir os gastos com o professor.

Todos tinham direito a escola, do 1º ao 5º ano, só que era particular, aqueles que não tinham dinheiro tinham que estudar na escola estadual. O estudo particular era melhor. Lembro que meu pai pagou a mensalidade de alguns alunos, só assim tiveram acesso a uma boa educação [...]. Existia uma escola estadual, ela era bem pequena, só uma sala, as professoras eram a Lorena Pacheco e a Odete Toillier (SEIBERT b, 2022).

Logo, alunos com poucas condições financeiras frequentavam o Grupo Escolar de Vila Melos, que iniciou suas atividades em 1937, dando origem a atual Escola Estadual de Ensino Médio Curupaiti. Além disso, também havia uma escola da comunidade católica: “frequentei a escola da comunidade católica, depois também fui na escola evangélica, do Helmuth Seibert, por volta de 1938” (KIRST, 2022). Portanto, existiram outras escolas em exercício na colônia de Rheingau, amparando os demais alunos da região.

Logo adiante, consta a lista de pagamento das mensalidades dos alunos matriculados em 1963. Neste período, o responsável pe-





queriam mais ele” (TOILLIER d, 2022). Esses métodos rigorosos intimidavam muitos alunos com dificuldades de aprendizagens e levavam os alunos a desistirem. Os castigos sofridos ao longo das aulas marcavam profundamente o crescimento das crianças. “Tínhamos muito medo dele. Certa vez, ele colocou um aluno que não sabia a matéria em um canto, e colocou tantos livros nos seus braços até não conseguir mais ver por cima deles, e obrigou ele a segurar os livros até não conseguir mais” (FROEMMING a, 2022).

Como se percebe, os castigos físicos nas aulas para punir o não aprendizado e o mau comportamento dos alunos era bem recorrente. “Era aceitável, para a comunidade, o professor utilizar as punições físicas para educar os alunos, da mesma forma que os pais também o faziam na educação de seus filhos” (LOPES; VECHIA, 2021, p. 694). No entanto, outros estudantes apontam aspectos diferentes do professor: “era um professor muito rígido, mas ele formou uma juventude, tínhamos teatro, coral, saíamos para fora para apresentar teatros” (TOILLIER e, 2022).

Um aspecto relevante que merece destaque na fala de Tusilda Elsbeth Toillier se refere às configurações comunitárias de lazer criadas pelos imigrantes, como os grupos de canto, teatro, tiro ao alvo, dança, cavalaria, ginástica e leitura. Segundo Radünz (1996), as sociedades recreativas eram incentivadas desde cedo, pois assim os indivíduos adentravam a vida em comunidade e partilhavam das mesmas simbologias. Outra característica desse ensino é o uso da língua alemã, inclusive obrigando os alunos que não a dominassem, a aprender. Um desses casos se refere ao professor Helmut Seibert, que ficou responsável pelo ensino em dois momentos: 1938-1940 e 1955-1958.

O Helmut [...] dizia que precisávamos aprender em alemão. Eu não, eu disse, eu sou brasileiro, e ele dizia

que sim, que eu iria aprender em alemão. Quando cheguei em casa falei para minha mãe que o professor queria me ensinar em alemão, ela disse que se o professor queria isso eu iria aprender. Isso me ajudou muito, eu sei bastante em alemão por causa disso (TOILLIER b, 2022).

Percebe-se que a língua alemã era utilizada recorrentemente entre as famílias imigradas. Flores (2004) comenta que o uso da língua alemã também era comum dentro das salas de aula, pois era o idioma que o aluno e o professor conheciam. Mas, neste caso específico, mencionado por Arlindo Toillier, podemos ver que o uso da língua alemã foi uma imposição do próprio professor. Portanto, era grande a importância atribuída à escola e à Igreja na gestão da vida dos imigrantes. Inclusive, tais

Instituições estiveram profundamente enredadas na produção, manutenção e transformação desta cultura e das identidades que ela colocou em circulação. De maneira especial e variada, esta discussão posicionou a escola comunitária rural e seus professores como agentes legítimos de preservação da cultura e da fé (MEYER, 2000, 107-108).

Além disso, como a educação estava inserida dentro de uma organização religiosa, era possível perceber uma valorização dos ensinamentos bíblicos, reforçados pelos dogmas evangélicos:

Tinha religião também, tinha ensino religioso, matemática, português, a parte de história e geografia era dividida em estudos sociais [...]. Por isso, a comunidade ficou meio revoltada quando fechou a escola, pois ali dávamos os conteúdos da nossa religião, e quando passou a ser do Estado, não se pode dar ape-

nas a nossa religião, temos que pegar um conteúdo abrangente, tínhamos que respeitar muito, [...] não podíamos destacar a Reforma, porque ela surgiu. [...] Foi muito difícil para eu me adaptar ao ensino religioso (SCHUCH b, 2022).

Durante os anos de 1940 até 1948, o ensino luterano de Vale Verde passa pela sua primeira experiência de censura. Neste período, se inicia a ascensão das políticas nacionalistas do Estado Novo (1937-1945). O ensino foi reestabelecido em 1949, tendo as suas atividades encerradas definitivamente após o ano de 1974, como se busca aprofundar no próximo bloco.

#### O PROCESSO DE NACIONALIZAÇÃO: IMPACTOS NAS ATIVIDADES RELIGIOSAS E EDUCACIONAIS DA COMUNIDADE

Este subtítulo busca fazer uma análise sobre as dificuldades que impactaram o andamento do sistema educacional evangélico e as atividades religiosas, bem como os problemas sentidos pela colônia de Rheingau, durante o período de nacionalização do Estado Novo, isto é, durante os anos de 1937 até 1945. Esse processo ocorreu durante o governo de Getúlio Vargas e impactou fortemente muitos municípios do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Neste período, houve uma intensa campanha de nacionalização contra diferentes grupos étnicos. “Procurou-se por variadas formas, desde as persuasivas até as repressivas a aculturação das minorias étnicas” (KIPPER, 1979, p. 9). Ocorreu um processo de assimilação, que tinha como principal propósito a diluição cultural dos núcleos de colonização desenvolvidos por imigrantes. Nas áreas coloniais com descendência germânica existia organização de uma vida cultural distinta:

Haviam organizado escolas, igrejas, imprensa e associações que contribuíam para a preservação da língua e costumes, bem como de sua transmissão aos seus descendentes, dando origem a minorias que foram denominadas pejorativamente como “quistos étnicos”, “quistos raciais” ou “zonas desnacionalizadas” (GERALDO, 2009, p. 174).

No que diz respeito ao processo imigratório, as políticas assumidas pelo estado brasileiro durante o governo de Vargas tiveram como uma de suas características mais marcantes a formulação de discursos idealizados para o controle dos “quistos étnicos”, ou seja, buscavam a assimilação de grupos identitários distintos a cultura brasileira. Deste modo, toda e qualquer divergência racial ou identitária deveria ser superada.

A formação da cultura e da identidade étnica dos teuto-brasileiros era resultado do processo histórico da colonização. Assim, “o que os brasileiros chamaram de enquistamento étnico dos alemães pouco tem a ver com o isolamento relativo das colônias” (SEYFERTH, 2016, p. 370–371). O isolamento ao qual estavam expostos os colonos era resultado da condução da política de colonização, e não da vontade dos imigrantes. Primeiramente, o governo imperial havia dirigido os imigrantes para terras devolutas, obrigando-os a se fixarem nelas. O projeto de colonização se mostrou demasiadamente desorganizado, com falta de recursos para os mais variados fins, como saúde, educação, demarcação de lotes e estradas.

A falta de auxílio por parte do governo leva a elaboração de uma forte organização comunitária, a criação de escolas, sociedades culturais e recreativas, com o predomínio do uso da língua alemã, reforçando aspectos culturais germânicos.

Todo mundo cultural criado por necessidade pelos imigrantes e seus descendentes visava a satisfazer suas necessidades que o Rio Grande não lhes oferecia língua, música, teatro, imprensa – que eram seus bens culturais e que alimentavam sua sede de conhecimento (MÜLLER, 1994, p. 68).

O mundo cultural produzido pelos alemães aparentemente não oferecia riscos, mas poderia alimentar um sentimento germanista. A preocupação do governo Vargas se intensifica ainda mais depois da data de 1941, quando o governo brasileiro assume uma postura de apoio aos Países Aliados na Segunda Guerra Mundial, “fazendo com que uma vasta população de origem ou ascendência estrangeira – japoneses, alemães e italianos – fosse transformada em inimigos da pátria” (GERALDO, 2009, p. 174).

A origem da ideologia ou sentimento germanista em solo brasileiro, também conhecida como *Deutschtum*, é imprecisa e não se pode afirmar ao certo quando ela tomou maior destaque. De acordo com os argumentos de Gertz (1987), houve um relativo abandono desta ideologia durante a década de 20, mas, em 1930, o “perigo alemão” vai se reestabelecendo. O que se pode afirmar é que ela se alicerçava na conservação do uso da língua, dos costumes e da suposta superioridade e pureza de sangue defendida por parte dos imigrantes. Diante de tal situação, a desconfiança do governo Vargas era, de certo modo, justificada. O receio se intensifica ainda mais por meio do surgimento do Integralismo. Fundado em 1932 por Plínio Salgado, levando a medidas repressivas aos membros dos grupos da Ação Integralista Brasileira (AIB):

Germanismo, nazismo, integralismo forneceram a justificativa para a ação estatal conhecida como “campanha de nacionalização”. A ideia não era nova.

Os germanistas, desde a década de vinte, e sobretudo a partir da revolução de 1930, alertavam para a ascensão de tendências que chamavam de nativistas e que se voltavam contra tudo o que fosse “estrangeiro” e não se enquadrasse na tradição portuguesa ou luso-afro-indígena (GERTZ, 1987, p. 63).

O integralismo esteve presente no cenário político do município de Vale Verde, onde houve representações partidárias ligadas a AIB. Um de seus principais políticos foi Arnaldo Roberto Seibert:

Sua definição política filosófica data de 1933, quando muito jovem ainda, filiou-se ao movimento da Ação Integralista Brasileira, onde permaneceu até 1937. Servindo, neste período, com denodo e convicção, aos princípios das fileiras que integrava, sendo uma das pessoas que figurava na elite da vanguarda integralista (ENCICLOPÉDIA, 1977, p. 166).

Arnaldo R. Seibert atuou como Subprefeito do distrito de Vila Melos, enquanto a localidade era um distrito de General Câmara, durante os anos de 1960 até 1963, reassumindo no mandato que dura de 1964 a 1973. Primeiramente, foi filiado a AIB e depois a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Intermediando reivindicações da população da área em que atuava, como estradas



**Figura 17.** Subprefeito de Vila Melos, Arnaldo Roberto Seibert. Fonte: Acervo da família Seibert.

de acesso à região, construção de pontes e a abertura da Escola Rural Curupaiti. Como forma de homenagem as obras desenvolvidas durante sua vida política, uma das ruas do centro da atual cidade de Vale Verde recebe seu nome (ENCICLOPÉDIA, 1977, p. 166).

Müller (1994) menciona que não eram todos os descendentes de imigrantes alemães que estariam vinculados às propagandas ideológicas estrangeiras adversas aos interesses da pátria brasileira. Se houvessem tentativas de disseminação dessas ideologias, o governo tinha o direito de tomar decisões para intervir. No entanto, agiu de uma forma bastante rígida, causando um grande mal-estar cultural, não fazendo a devida separação entre as manifestações culturais dos imigrantes e aquilo que se referia às ideologias políticas avessas ao interesse nacional.

No decorrer da Segunda Guerra Mundial, as repressões se intensificam ainda mais. Esta repressão não é somente sentida na esfera política, mas também na vida cultural, religiosa e educacional dos imigrantes:

A língua alemã que fazia parte do dia a dia foi proibida. Documentos e livros de língua alemã foram enterrados ou queimados, [...] e até presas quando flagradas falando alemão. O período da Segunda Guerra foi muito prejudicial para a nossa comunidade. Nele será implantado um regime de censura aos costumes do povo alemão [...]. Lembro-me que o tio Alberto deu esclarecimentos a um morador sobre um determinado assunto, como o morador não entendia o tio falando português, ele então explicou na língua alemã. Bastou para ele ser preso (FROEMMING b, 2022).

Outro episódio marcante deste momento de medo é descrito por Germano Seibert:

Houve uma vez em que caiu um avião militar aqui em Vale Verde. Foi durante o período da ditadura do Getúlio. O meu pai, foi buscar os militares que sobreviveram ao acidente de carroça. Ele não podia falar nada durante a viagem. Ele nem perguntou de onde vinham,

quem eram, [...] ele podia ser preso se falasse, ele falava alemão, ele tinha medo [...]. Todo mundo sofreu bastante por aqui (SEIBERT b, 2022).

Houve um crescente sentimento de medo. Reproduzir traços culturais e religiosos característicos do grupo imigrante se tornava perigoso, até mesmo utilizar a língua alemã, a qual os integrantes do grupo estavam habituados. Era momento de bastante tensão e toda a vida comunitária passa por transformações. Os impactos do Estado Novo também atingem as iniciativas educacionais e religiosas desenvolvidas dentro da comunidade luterana de Vale Verde. As transformações começam a ser sentidas já no ano de 1940.

Quando tudo parecia se encaminhar bem, surgiu o “fantasma” da Ditadura, então chamada “Estado Novo”. No dia primeiro de maio de 1940 a autoridade administrativa municipal, na pessoa do Sr. Intermentor, se fez presente na Escola, em pleno funcionamento, declarando-a fechada por ordem superior e o prédio confiscado para o fim da instalação de uma escola pública estadual, um “Grupo Escolar”, na mesma hora. O embargo do prédio seria pelo prazo de “apenas três anos” [...] Mas, na realidade, era apenas o início de uma situação deprimente a se confirmar. A Escola fechada. O prédio da comunidade confiscado. Falar alemão era proibido em todo e qualquer lugar, inclusive na Igreja. Os hinos sacros usuais nos cultos, tiveram que ser traduzidos para português (COMUNIDADE, 2000a, p. 08-09).

A justificativa para a obstrução das escolas comunitárias evangélicas se devia a suspeita de que estaria infectada por influências ideológicas estranhas. Porém, o Estado nem conhecia o que realmente se passava no ensino particular.



Na verdade, a onda de fechamento de escolas começou em 1938. Até aquele ano as escolas funcionavam sem um “registro”. Muito provavelmente o Estado nem sabia quantas escolas havia, porque elas apenas prestavam contas às suas mantenedoras. Em 1938 foi criado o “registro” de escolas na SEC a fim de que pudessem ser fiscalizadas. Esse registro amedrontou as Comunidades Religiosas e as Sociedades Escolares mantenedoras de escolas (MÜLLER, 1994, p. 71).

A falta de registro formal foi algo bastante presente durante o funcionamento destas escolas, favorecendo a iniciativa de intervenção proposta pelo governo Vargas. Propõe-se uma forma de controle sobre as ações ministradas dentro desta educação, culminando no fechamento dessas escolas e na instituição dos “Grupos Escolares” vinculados ao poder do estado. Souza (2021) pondera que o esforço do Estado em instalar os grupos escolares em regiões rurais do estado era uma das facetas do movimento de nacionalização do país. A nacionalização do ensino procurava expandir o sistema escolar público e impedir a continuidade das escolas paroquiais, interditando seus prédios, impedindo suas funções escolares, proibindo a língua alemã e o ensino da religião. Algumas dessas propostas impactaram de forma considerável o antigo regime escolar e podem ser observadas nas imagens que seguem, na página seguinte.

Na primeira imagem, visualizamos a turma do professor Carlos Bencke, que lecionou no período entre 1912 e 1918, nos primórdios das atividades escolares. Neste exemplo, os traços germânicos dos indivíduos e do ambiente são bem perceptíveis, nas vestimentas, na disposição dos alunos e do próprio professor, além da arquitetura da escola ao fundo. Porém, quando analisamos a próxima fotografia, datada de 1965, percebemos os reflexos do período da nacionaliza-

ção brasileira. Os alunos estão organizados, com a bandeira brasileira ao fundo.



**Figura 18.** Professor Carlos Bencke e alunos. Fonte: Acervo da Comunidade Evangélica de Vale Verde.



**Figura 19.** Professor Siegfried H. Schünemann e alunos. Fonte: Acervo da Comunidade Evangélica de Vale Verde.

No caso de Vale Verde, a educação desenvolvida pela Comunidade Evangélica assiste ao fechamento da escola durante os anos de 1940 até o ano de 1948, quando foi substituída pelo “Grupo Escolar”. São os reflexos da política nacionalizadora. Descontentes com a situação, os membros luteranos procuram reestabelecer o antigo sistema educacional:

Em 1949, após muita luta, a comunidade conseguiu reativar a sua escola, sob a regência de Albino Fiss, instalando-a na casa de propriedade do senhor Carlos Alfredo Kirst, que a cedeu gratuitamente para este fim. Somente dois anos mais tarde, em 1951, o poder público devolveu a comunidade as chaves da sua Escola Evangélica, prédio este, que havia sido confiscado 1940. (COMUNIDADE, 2000b).

A partir do ano de 1949, a normalidade da Escola Evangélica se reestabelece, permanecendo até 1974, quando ocorre o fechamento definitivo, momento em que Iria Schuch era a professora. A transferência para o governo estadual vinha sendo pensada, já que não se arrecadava mais verbas para proporcionar o estudo dos alunos e o salário dos professores. A partir disso, a administração municipal cogitou que a melhor alternativa seria remanejar os alunos para ao Grupo Escolar Curupaiti, que já desenvolvia atividades escolares desde o ano de 1937, conforme atesta a documentação disponível no arquivo da Escola Estadual de Ensino Médio Curupaiti:

A escola foi criada em 08 de julho de 1937, pelo decreto nº 6.603, publicado no Diário Oficial na mesma data. Funcionou inicialmente no prédio da Escola Evangélica desta localidade. Passando depois para um prédio cedido pelo Sr. Carlos Alfredo Kirst. Em 1964, mais exatamente no dia 26 de agosto, foi inau-

gurado um novo prédio num terreno cedido pela família de Carlos Kappel. A criação da escola pública em Vila Melos trouxe dificuldades para a escola evangélica que chegou a fechar, tendo sido reaberta alguns anos mais tarde, fechando definitivamente no fim da década de 60 [...]. Criada com o nome de Grupo de Vila Melos. Em 1954 passou a ser denominada Grupo Escolar Curupaiti [...]. Em 1963, o Grupo Escolar passou a denominar-se Escola Reunida Rural Curupaiti. A contar de 1969 [...] passou-se a chamar-se Escola Rural Curupaiti. Em 1979, [...] passou a denominação de Escola Estadual de 1º Grau Curupaiti. [Desde 2003 chama-se Escola Estadual de Ensino Médio Curupaiti] (RIO GRANDE DO SUL, 1989).

Como descrito acima, a Escola Curupaiti surgiu em 1937, portanto, permaneceu atuando paralelamente a Escola Evangélica durante muitos anos. O trecho menciona que o grupo evangélico passou a enfrentar dificuldades para manter as atividades, pois provavelmente os alunos se integraram a rede estadual, visto que o ensino era público e gratuito. Além disso, foi fechada temporariamente, possivelmente em função da ditadura do Estado Novo.

No panfleto da página seguinte, que teve como finalidade divulgar as obras realizadas até o ano de 1963, durante o governo de Francisco Pereira Rodrigues, no município de General Câmara e, em todos os distritos que o integravam, é possível perceber o incentivo à melhoria de estradas e acessos, à inserção de rede telefônica e elétrica e à construção de prédios escolares, que recebe amparo do governador Leonel Brizola.

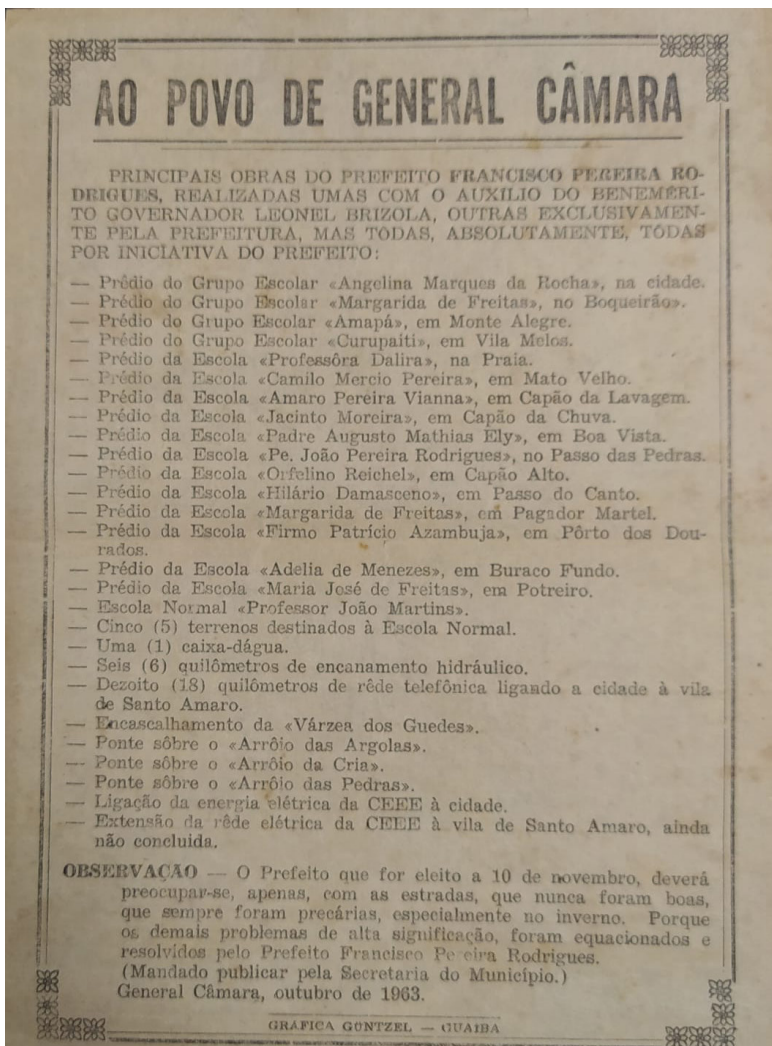


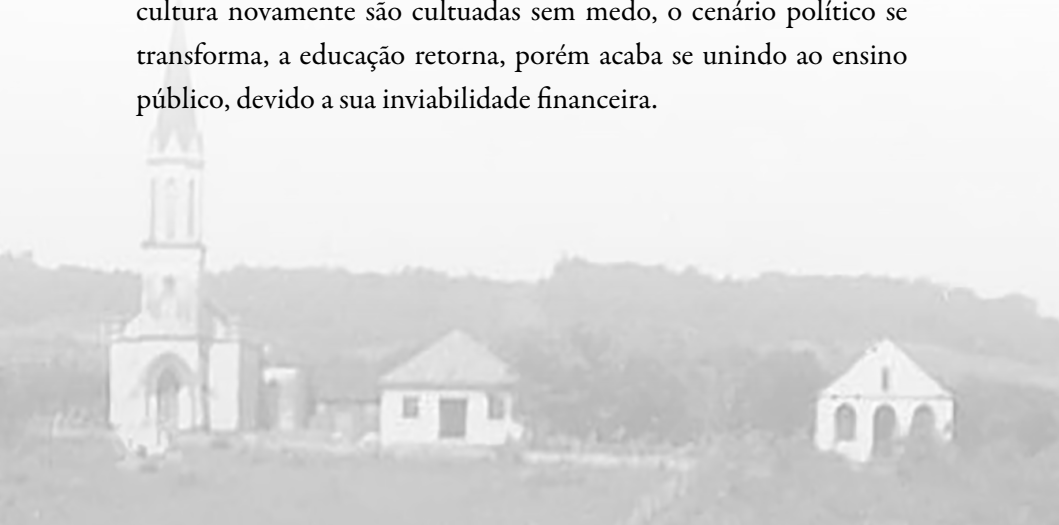
Figura 20. Panfleto de propaganda eleitoral. Fonte: Acervo da família Seibert.

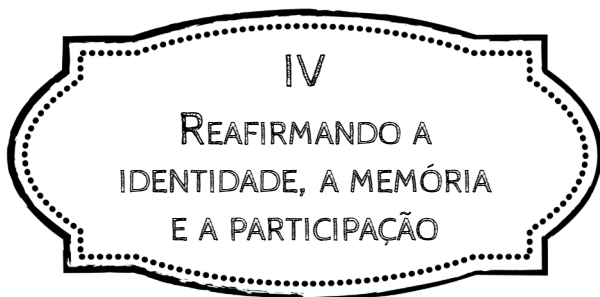
Nesta listagem dos Grupos Escolares pertencentes a General Câmara, consta o nome do Grupo Escolar que originou a atual Escola Estadual de Ensino Médio Curupaiti, localizada no distrito de Vila Melos, atual Vale Verde. É possível notar um incentivo por par-

te do governo para com a educação, através da construção de novos prédios, como foi o caso do referido educandário. A partir daí, logo os alunos da Escola Evangélica seriam incorporados ao ensino público, visto que a lacuna presente na educação vinha sendo superada e os custos com a escola comunitária estavam altos.

A melhoria e a ampliação das escolas se inserem no processo de modernização do ensino proposta por Leonel Brizola (1959-1963), num contexto em que a educação nacional era precária e a maior parte da população era analfabeta e com poucas oportunidades de ampliação cultural. Até então, a precariedade e a desarticulação foram as marcas do campo educacional (QUADROS, 2001). Porém, esse incentivo visava adequar à educação de acordo com os parâmetros da ideologia desenvolvimentista que pairavam sobre as políticas de estado deste período.

Perante os apontamentos realizados até aqui, os desafios para a implantação de um sistema de ensino que comportasse os interesses dos colonos alemães ficam mais nítidos. Esse setor da sociedade sofre a influência da política nacionalizadora da Era Vargas, que desencadeia alterações na vida cultural e na organização política e social da localidade. Após a nacionalização ocorre à reestruturação de uma “normalidade” vivenciada pela comunidade, a religião e a cultura novamente são cultuadas sem medo, o cenário político se transforma, a educação retorna, porém acaba se unindo ao ensino público, devido a sua inviabilidade financeira.





IV  
REAFIRMANDO A  
IDENTIDADE, A MEMÓRIA  
E A PARTICIPAÇÃO

**N**a tarefa de reafirmar a identidade e manter a memória social, é necessário destacar a participação e o importante papel das mulheres dentro e fora da Comunidade Evangélica de Vale Verde, a partir de suas histórias. Flores (2004) já afirmava que as mulheres nunca ficaram em condições de subalternidade em relação aos homens dentro das áreas coloniais, inclusive, muitas vezes trabalhando mais que seus companheiros. Realizavam os afazeres domésticos, como a educação dos filhos, a labuta na lavoura e, mesmo assim, se dedicavam a igreja a qual pertenciam.

Em Vale Verde, a presença feminina pode ser percebida através de seu protagonismo nos afazeres comunitários, posição extremamente importante para a apresentação de suas pautas e o atendimento de suas reivindicações.

Na comunidade, as mulheres já se interessam mais que os homens. Quem passa os recados nos cultos quase sempre são as mulheres [...]. Têm mais mulheres do que homens, você pode reparar isso nos cultos. Elas são muito participativas, ainda mais aquelas que fre-

quentam a OASE [...]. Para mim, a religião também é importante (TRARBACH<sup>28</sup>, 2022).

A principal forma de organização feminina luterana é através do grupo da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE), porque ajudam na perpetuação de práticas pastorais e no atendimento espiritual, além do desenvolvimento de atividades com fins beneficentes. Sobre o papel da OASE, em Vale Verde, a presidente em exercício, Bernadete Schuch, comenta que:

O lema da OASE é serviço, comunhão e testemunho. Temos como meta trabalhar pela comunidade, estar em comunhão com todos e ser um exemplo, um testemunho. Procuramos, na medida do possível, atender a nossa comunidade. Sei que faltam algumas coisas [...]. Também fazemos visitas aos membros (SCHUCH a<sup>29</sup>, 2022).

A finalidade deste grupo é acompanhar a vida eclesial da Igreja Luterana. De acordo com Blind (2009), a OASE nasce do empenho das mulheres evangélicas luteranas em cuidar do mundo simbólico ao qual pertencem, preservando e compartilhando os traços religiosos entre si e com os demais membros da comunidade. São mulheres que, a partir de suas próprias mãos, constroem a comunhão entre os sujeitos, de muitas formas.

Seguindo os princípios da sua crença cristã, se apresentam como “auxiliadoras” daqueles que necessitam. Sua origem está ligada ao processo de imigração germânica, principalmente durante o processo de formação das instituições religiosas luteranas. Confor-

<sup>28</sup> Otília Trarbach concedeu entrevista em 01/02/2022.

<sup>29</sup> Bernadete Schuch concedeu entrevista em 03/02/2022.



me Streck e Blasi (2010, p. 224), o início da OASE está ligado ao processo de formação de pequenas comunidades pelo interior do país e do engajamento religioso. Na atualidade, “a OASE é a maior organização feminina na América Latina e completou 100 anos de existência em 1999. Estima-se que a OASE congrega aproximadamente 40.000 mulheres em todo o Brasil”. Nessa mesma direção, o atual pastor luterano de Vale Verde declara que:

A OASE é um grupo de mulheres, um grupo de ajuda mútua. Tem sua origem na imigração dos alemães. No início, não existiam creches, escolas hospitalares, então as mulheres se encarregavam disso. Então, desde lá, a OASE se encarregou de visitar as pessoas doentes. São a primeira forma de ajuda que se encontra na comunidade. É interessante dizer que entre as mulheres da OASE existem encontros, cultos e um sistema de colaboração. Na nossa igreja, as mulheres não estão em segundo plano, elas participam desde a organização da cozinha nas festas quanto nos cargos mais altos da paróquia. As mulheres também são mais presentes na realidade da igreja. Elas sempre foram mais responsáveis pela educação e pela fé (HOLZSCHUH, 2022).

Como mencionado, a ação das mulheres dentro dos serviços eclesiais de Vale Verde se tornou muito mais presente do que aquele exercido pelos homens. A colaboração entre as mulheres é uma marca muito forte desde o seu início, em 1977, surgindo de uma necessidade que se refletia no andamento das celebrações da comunidade, mas acabou formando um grupo de mulheres que auxiliou, em muitas outras ocasiões, permanecendo até o momento.

Em 1977, fui convidada para ser festeira, e daí eu pensei, como vou fazer a festa, eu preciso de senho-

ras que me ajudem: vou formar um grupo da OASE, para as mulheres trabalharem juntas. Ali começou a OASE. Desde que nós fomos convidados para ser festeiros, pensei que todos os lugares tinham OASE, Venâncio Aires tinha (TOILLIER e, 2022).

De uma necessidade pontual (a organização da Festa de Maio de 1977, pelo casal Egon e Tusilda Elsbeth Toillier), surge a ideia da formação do grupo da OASE, o qual promove encontros entre seus membros e com grupos de outras localidades. O *Roteiro da OASE* orienta esses encontros, enfatizando a questão religiosa.

Sou fundadora da OASE. Eu sempre gostei de participar e colaborei, sempre fui nas reuniões da OASE. Se eu morasse mais perto da vila (centro da cidade) eu participaria hoje ainda, [...] gostava muito das reuniões que tínhamos, dos cantos, ali nós assistíamos palestras, chás [...]. A OASE também tinha encontros fora, em Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, com outras paróquias [...]. Também temos um livro da OASE. Por certo, todas as mulheres deveriam ter. Dali o pastor lê e retira os cantos para cada encontro (TRARBACH, 2022).

A OASE foi fundada em 14 de julho de 1977, tendo como sócias fundadoras Alvina Froemming, Otília Froemming, Amanda Bender, Guerta Bender, Florinda Kappel, Erna Dettenborn, Iris Meurer, Olívia Seibert, Anita Seibert, Otília Trarbach, Irmgardt Toillier, Tusilda Elsbeth Toillier, Lenira Seibert, Geane Maioli Kortz e Elsa Toillier. A primeira diretoria foi composta por Tusilda Elsbeth Toillier, como presidente, Lenira Seibert, como secretária e Geane Maioli Kortz, como tesoureira (COMUNIDADE, 2000a, p. 17-18).

Abaixo, segue uma fotografia de um dos encontros realizados pelo grupo de mulheres que compõe a OASE da Comunidade Evan-

gética Luterana de Vale Verde ao longo do ano de 2022, juntamente com o pastor da mesma ordem religiosa, Jair Luiz Holzschuh. Neste registro, podem ser visualizadas as finalidades desses encontros: sobre a mesa estão dispostos os textos, hinos e cantos que são cultuados e os trabalhos manuais e artesanatos que estas senhoras se dedicam a produzir. Também é possível visualizar a insígnia que simboliza as ações dessas mulheres, formado por uma cruz de âncora branca com a coloração azul ao fundo.



**Figura 21.** Encontro rotineiro da OASE de Vale Verde.  
Fonte: TOILLIER, Arnaldo Seibert, 2022.

Como visto anteriormente, a organização da Festa de Maio de 1977 foi uma das primeiras atividades desenvolvidas pelo grupo. Sua principal função foi, naquele momento, os afazeres da cozinha, com toda a culinária envolvida nas festividades. As mulheres do grupo mantiveram essas atividades até a atualidade, mas não permaneceram somente nessas atividades, pelo contrário, partiram da cozinha para muitas outras funções, inclusive para a presidência da igreja. Não foi uma decisão tão fácil, porque assumir esse posto implica-

va a quebra de muitas barreiras, já que, por muitos anos, a figura masculina foi protagonista na gerência dos afazeres do templo e na administração dos recursos financeiros.

A primeira presidente mulher da Igreja Luterana foi Alvina Toillier, que esteve à frente da diretoria por 4 anos, eleita em 2005 e reeleita em 2007. Alvina assume a presidência da igreja luterana e põe fim a uma característica que se mantinha desde o início da organização das atividades religiosas em Vale Verde: até então, o lugar que ela passou a ocupar sempre tinha sido uma posição assumida por homens. Essa troca foi uma transição muito benéfica, pois trouxe um ponto de vista feminino acerca das atividades ministradas dentro do grupo, dando ainda mais voz e destaque ao grupo da OASE, onde Alvina participa atualmente, como secretária.

Alvina Toillier<sup>30</sup> comenta sobre sua experiência como presidente da comunidade:

Nossa comunidade fez 104 anos, e nunca teve nenhuma mulher na liderança. A mulher assumia apenas a tarefa de secretária dentro da diretoria [...]. Mas podemos ver que as mulheres desenvolvem as suas atividades de forma mais satisfatória do que o homem [...]. Eu fui a primeira presidente mulher. Quando eu fui escolhida presidente, gostaram do meu trabalho, ele estava bom [...]. Dizer que não fiz nada errado eu também não vou dizer, por que quem não erra? Só quem não faz! Acredito que a minha chapa fez um bom serviço, as coisas estavam progredindo [...]. No final do ano passado, fui convidada pela Otilia para ser secretária da OASE, eu aceitei (TOILLIER a, 2022).

30 Alvina Toillier concedeu entrevista em 27/01/2022.

Atualmente, as atividades das mulheres da OASE permanecem. Sempre muito ativas, desenvolvem muitas campanhas de arrecadação de fundos, bingos, jogos, além de seus encontros rotineiros, mantendo uma tradição de cuidado com a comunidade (FROEMMING a, 2022). Anita Seibert faz uma síntese do grupo, afirmando que a OASE vai muito além de um grupo de mulheres, ela simboliza um amparo para a vida de todos que a compõem. Representa uma companhia, uma amizade, de modo que participar do grupo “é muito importante [...]. Nesses encontros me animo bastante [...]. Participo há muito tempo da OASE, eu sou uma das primeiras mulheres, fui sócia fundadora” (SEIBERT a, 2022).

Em geral, se pode afirmar que

Os integrantes das associações selecionam elementos da memória e fazem uso de representações que possuem valor simbólico no que se refere ao grupo [...]. A organização da memória traduz as práticas ritualizadas, e estas se tornam referências discursivas da cultura no contexto da construção identitária. A memória passa a ser, portanto, o resultado do desenvolvimento de um repertório que, compartilhado com o grupo social a que pertence, permite processos de socialização, viabiliza sua existência e permanência coletiva [...]. Assim sendo, a manutenção e reordenação de valores culturais estão intimamente relacionadas com a memória e a identidade de um grupo, no caso específico, dos descendentes de imigrantes germânicos (NEUMANN, 2006, p. 76).

Nesse sentido, o propósito desta organização está em manter a unidade da comunidade. De acordo com os registros históricos, o grupo de OASE, desde a sua fundação, no início do processo de colonização alemã, sempre esteve vinculado às questões religiosas, mas

o seu principal propósito visa colaborar nas atividades comunitárias desenvolvidas no meio ao qual pertencem e, sobretudo, na sociedade em que se inserem. As mulheres que se voluntariam nessa ordem estão sempre dispostas a se dedicar ao próximo, doando seu tempo e dedicação nas atividades que desenvolvem. A OASE adquire a simbologia de uma filosofia de vida e um modo de viver que orienta as ações cotidianas em torno de uma memória e de uma identidade.

## AS FESTIVIDADES

Por fim, outro aspecto construtor da identidade e da memória social germânica local diz respeito às festividades e os momentos de lazer. Flores (2004) comenta que os imigrantes alemães sempre tiveram uma forma bastante peculiar de comemorar suas festas religiosas. Tradicionalmente, todas as famílias comemoravam as festividades de Natal, **Páscoa e** Ano Novo, onde enfeitavam as suas igrejas em homenagem a essas datas. Também existiam ofertas como a “Festa da Colheita” e a tradicional Festa de Kerb, em homenagem a data de construção do templo religioso. As festividades estavam envolvidas em um espírito de cooperação.

Uma das promoções marcantes da Igreja Luterana é a Festa da Colheita, um culto no qual os membros levavam “algo que ele colhia em casa, na lavoura, para ser leiloado no final do culto [...]. Era uma forma de agradecimento a Deus pela colheita. Todo o dinheiro do leilão era doado [...]. O culto é feito uma vez por ano, hoje ele ainda acontece” (SEIBERT b, 2022). Essa tradição de oferta evidencia o significado da religiosidade para a vida destes indivíduos. Os colonos reuniam parte de suas produções próprias para doar ao templo religioso, se reuniam em torno de suas oferendas em culto

e, ao final do culto, leiloavam-nas entre si, visando à arrecadação de dinheiro para fins beneficentes. Além dos cultos, em Rheingau, também ocorreu a tradicional Festa de Kerb, em homenagem a construção da Igreja, iniciada em 9 de maio de 1926, chamada por todos de “Festa de Maio”.

A partir desta data, anualmente era celebrada a Festa de Maio, também conhecida como Kerbfest. Durava dois dias e todas as pessoas de Rheingau se preparavam ansiosamente por este evento. Começava com um culto festivo. Após o culto eram largados os foguetes e uma bandinha tocava na saída da igreja (FROEMMING b, 2022).

Moraes (1981) fala que essa festa significa vários dias de divertimento aos colonos, onde as tradições **são** lembradas, cantam-se músicas típicas da cultura alemã e **é** possível consumir uma vasta culinária desenvolvida pelas mulheres. **É** uma festa de reencontros entre velhos conhecidos, que encontram no Kerb um motivo para esquecer as dificuldades diárias do campo. Essa é a festividade mais marcante do município ainda hoje, reunindo anualmente todos os membros da igreja e demais moradores de Vale Verde. A Festa de Maio sempre teve como característica a cooperação entre a comunidade e a promoção de entretenimento cultural através de música, dança e culinária. Toda a preparação da festa **é** elaborada de forma artesanal e pelos próprios membros da igreja.

A Festa de Maio, antigamente, era a maior festa que a gente tinha. Nos alegrávamos muitos dias antes da festa. No que dava para ajudar e trabalhar nós ajudávamos, e nunca cobramos nada. Hoje em dia, se tu quiseres que alguém te ajude, precisa pagar, ou não tem festa. A festa foi muito melhor, ela sem-

pre tinha galinhada, saladas e galinhas recheadas. As galinhas, para a galinhada, eram todas doadas (TOILLIER d, 2022).

Este festejo é uma forma para arrecadar fundos para a comunidade. Inicialmente, a festa era organizada por uma comissão que ficava responsável pela festa, mas, a partir de 1961, foi designado anualmente um “casal festeiro”, padrinho das festividades (COMUNIDADE, 2000a, p. 16-17). As festividades também se tornam mais fáceis de serem realizadas a partir da construção do Pavilhão de Festas, realizada em 1969. Muito tempo depois, em 1990, ocorre a construção do atual Ginásio de Esportes, onde atualmente ocorrem as festas.



**Figura 22.** Ao fundo, o antigo Pavilhão de Festas e, à direita, o Ginásio de Esportes. Fonte: Jornal Folha do Mate.

Os preparativos para a tal festa se iniciam com antecedência e, no passado, como não existiam muitas festividades locais, cada Festa de Maio era aguardada com muita expectativa. Os preparativos incluíam vestimenta, organização dos salões e dos diversos entretenimentos que existiam durante as celebrações. A colaboração era mútua entre todos, durante os dois dias de festas.



Na Festa de Maio todo mundo comprava roupa nova para aquele dia. Quem não tinha nem ia a festa. As famílias iam para Santa Cruz do Sul comprar roupas. Hoje, cada um vai com a roupa que tem. Antes as pessoas eram mais felizes com a festa, tudo era mais simples, [...] me lembro das “Gildas”, que hoje não se fazem mais: era uma boneca de pano com uma cerveja dentro. Ela era leiloada na festa, sempre tinham três ou quatro, era uma forma de arrecadação de dinheiro. As pessoas vinham com mais vontade na festa, porque tinham poucas festas [...]. Era feriado no dia da festa, 09 e 10 de maio (FROEMMING a, 2022).

Após alguns anos, a data de realização da festa acaba sendo modificada, mantendo a celebração no segundo domingo do mês de maio e não mais nas datas de 09 e 10 de maio. A justificativa seria de que a realização da festa durante os dias úteis da semana dificultava a participação de visitantes de outros municípios (TOILLIER b, 2022). Sobre as mudanças inevitáveis do tempo, Moraes (1981) salienta que a Festa de Kerb vai perdendo o seu encanto inicial a partir do momento em que o progresso se manifesta nas picadas e colônias. Aquele colorido e toda a alegria que eram desfrutadas nas festividades gradativamente perdem o seu brilho, dando lugar as facilidades da modernidade. A música já não é mais a mesma, a comida já se modificou, o tempo de duração encurtou, as próprias datas da festa já não se mantêm mais.

Independente das mudanças, a Festa de Maio ainda é uma marca cultural do povo de Vale Verde e busca reproduzir traços culturais marcantes da colonização alemã, através da gastronomia típica apreciada durante a festividade, da música, dos jogos, das rifas e demais atrativos que permanecem integrando o ambiente festivo. Reúne anualmente a maior parte dos municípios residentes na localidade e

arredores. Simboliza uma importante forma de arrecadação financeira para as reformas necessárias na conservação da infraestrutura da igreja, do ginásio de esportes e dos cemitérios evangélicos.

Em Vale Verde, a principal forma encontrada para preservar a língua materna, a culinária, os jogos e as danças, entre outros costumes trazidos da Europa, se encontra na realização da Festa de Maio, realizada desde o ano de 1952. Ao longo dos anos, a festividade acompanha as transformações ocasionadas pelo tempo, modificam-se hábitos tradicionais e são inseridas novas formas de celebração visando a sua longevidade e o incentivo da participação de jovens que contrasta com a presença de pessoas de mais idade. Analisando o grupo que prepara e participa do evento, é perceptível a maior participação de pessoas idosas, muitos participando desde as primeiras edições, com um forte sentimento de saudosismo. As transformações do tempo são inevitáveis na vida cultural de qualquer sociedade, da mesma forma como ocorre em Vale Verde, visto que a cultura é uma manifestação dinâmica, ela se encontra em um processo permanente de significação e resignificação.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que foram inúmeros os fatores que possibilitaram a presença de imigrantes germânicos no atual município de Vale Verde, local que serviu para eles iniciarem uma nova vida. Como visto ao longo do texto, com a chegada dos primeiros colonizadores, em 1899, muitas dificuldades surgiram e tiveram de ser superadas. Uma das maneiras encontradas para vencer as barreiras e integrar a população foi o fator religioso, já que a maioria professava o mesmo credo. Foi assim que surgiu a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Vale Verde, que foi um fator aglutinador da memória, da história e da identidade do novo núcleo habitacional.

Nesta integração, encontraram espaço para reafirmar suas características culturais, sua língua, sua religião, sua educação, seus locais de memória e suas festividades. Dessa forma, manter tais traços se tornou uma maneira de manter o grupo indenítário vivo. A ascensão das políticas autoritárias de extremo nacionalismo do Estado Novo, com o governo de Getúlio Vargas, desencadeou alterações significativas na vida cultural e na organização política e social da localidade, com impactos que reconfiguram as atividades do grupo

imigrante, principalmente no setor educacional, que acabou censurando as atividades educacionais e fechando a escola comunitária.

Conforme já referido anteriormente, as transformações provenientes da ação do tempo são inevitáveis, portanto, também compõem e marcam a trajetória dos imigrantes que fundam a antiga colônia de Rheingau. Na atualidade, a presença da população de origem germânica ainda é preponderante em Vale Verde, suas reminiscências persistem à ação do tempo, sofrendo ressignificações, porém ainda compondo grande parte do leque cultural construído no município. Continua, de forma numerosa, a prática religiosa na Igreja Luterana, na organização comunitária do grupo da OASE, além das festividades tradicionais como a Festa de Maio, realizada desde 1952.

Assim, a igreja (e, por extensão, a escola comunitária) foi um dos principais lugares que expressou discursos e formou sujeitos, com a transmissão de valores considerados centrais para essa sociedade. Como dito anteriormente, o pastor e o professor foram lideranças culturais responsáveis pela rearticulação e construção da história e das identidades de Vale Verde. Elaboraram narrativas integrantes e resultantes da memória coletiva local para edificar uma identidade que se queria apresentar. Uma identidade social e uma identidade cultural constituídas por elementos comuns da comunidade (costumes, crenças, tradições, comportamentos sociais, etc.) que inspiram aos moradores um sentimento de pertencimento àquele território. Mas, como bem visto nas páginas anteriores, não foi uma comunidade homogênea, porque foi marcada pela diversidade interna e pelo contato com a população nativa do seu entorno. Assim, se formou discursos culturais, para se construir identidades sociais, a partir de práticas inerente à própria cultura e compartilhada entre os indivíduos.

Enfim, a presente pesquisa pode ser considerada uma das pri-

meiras análises historiográficas realizadas no município, problematizando e contextualizando os fatos históricos. Sua principal relevância consiste no fato de abordar um tema que envolve a história e a memória dos habitantes de Vale Verde. Buscou-se construir resposta para algumas das diversas lacunas existentes sobre aspectos relacionados à presença de imigrantes alemães na localidade, à contribuição para o seu desenvolvimento, além de reflexões sobre o legado cultural desses indivíduos e suas ressignificações ao longo do tempo, compreendendo, assim, manifestações identitárias desse grupo na atualidade.





## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. N. de. *O que amamos, não esquecemos: um estudo teológico, identitário e cultural dos cemitérios teutos no sul do Brasil*. Tese - São Leopoldo: EST, 2015.

BLIND, S. *Ecos de uma história silenciosa: grupos de OASE da IECLB*. Dissertação - São Leopoldo: EST, 2009.

BLUME, S. *Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul: recortes dos cotidianos*. Dissertação - São Leopoldo: Unisinos, 2010.

BRAUN, F. K. *História da imigração alemã no sul do Brasil*. Nova Petrópolis: Editora Amstad, 2010.

BURKE, P. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

BUSSE, V. *A práxis pastoral entre os imigrantes alemães e seus descendentes na região Noroeste do Rio Grande do Sul*. Dissertação - São Leopoldo: EST, 2010.

CANABARRO, Ivo dos Santos; MOSER, Lilian Maria; ERNESTO, Eduardo Servo. História, memória e identidade: refletindo sobre a oralidade como aporte para leitura de uma cultura. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.10, n.18, jan./jul., 2018.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

COMUNIDADE Evangélica de Confissão Luterana em Vale Verde: *do início aos dias atuais*. Vale Verde: Gráfica, 2000 a.

COMUNIDADE Evangélica de Confissão Luterana em Vale Verde: *do início aos dias atuais*. Vale Verde: Musa Produções, 2000 b.

COMUNIDADE Evangélica de Vila Melos. *Estatuto da Comunidade Evangélica de Vila Melos*. Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul: Poder Executivo, Porto Alegre, nº7, 21 de julho de 1951.

COREDE/VRP - Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo. *Plano estratégico de desenvolvimento do Vale do Rio Pardo*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

ENCICLOPÉDIA. *Políticos Sul Rio-Grandenses*. 1º edição, v. 3. Porto Alegre: Ediclas, 1977.

FLORES, H. A. H. *História da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. EST Edições, 2004.

GERALDO, E. O combate contra os “quistos étnicos”: identidade, assimilação e política imigratória no Estado Novo. *Locus: Revista de História*, v. 15, n. 1, 2009.

GERTZ, R. E. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. v. 1

GUTZ, L.; CAMARGO, B. V. Espiritualidade entre idosos mais velhos: um estudo de representações sociais. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 16, p. 793–804, 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Histórico de Vale Verde*. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=35166&view=detalhes>>. Acesso em: 10 de fev. de 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Histórico de Santa Cruz do Sul*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-cruz-do-sul/historico>>. Acesso em: 20 de dez. de 2021.

JUNIOR, R. R. V. *Caminhos da colonização alemã no Rio Grande do Sul: políticas de estado, etnicidade e transição*. In: Releituras da História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Corag, 2010.

KIPPER, M. H. *A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa*



*Cruz (1937-1945)*. Santa Cruz do Sul: Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul, 1979. v. 1

KLAUCK, S. Reminiscências de teuticidade: escolas nos núcleos de colonização recente do Oeste do Paraná. *História, cultura e memória*, v. 180, p. 229–238, 2005.

LOPES, L.; VECHIA, A. Imigrantes Alemães Católicos em Curitiba: Cultura escolar e romanização. *Revista Pedagógica*, v. 23, p. 1–25, 2021.

MEYER, Dagmar Estermann. *Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

MEYER, Dagmar Estermann. Língua e Religião como instituintes da nacionalidade: cultura teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul. In: *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação*. Santa Maria: UFSM, 2003. p. 187–213.

MONTANHEIRO, F. C. *Quem toca o sino não acompanha a procissão: toque de sinos e ambiente festivo em Ouro Preto*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, v. 3, 2016.

MORAES, C. de S. *O colono alemão: uma experiência vitoriosa a partir de São Leopoldo*. Porto alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. v. 14

MÜLLER, T. L. *Colônia alemã: 160 anos de história*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984. v. 18

MÜLLER, T. L. *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1994.

NEUMANN, M. T. *Narrativas identitárias e associativismo de tradição germanica na região de Santa Cruz do Sul: o discurso da identidade regional (1850-1950)*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

*Plano estratégico de desenvolvimento do Vale do Rio Pardo - Caracterização da Região*. 1998.

QUADROS, C. de. Brizoletas: a ação do governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande do Sul (1959-1963). *Revista Teias*, v. 2, n. 3, p. 1-12, 2001.

- RADÜNZ, R. *Do poder de Deus depende*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1996.
- RADÜNZ, R. *A terra da liberdade: o luteranismo gaúcho do século XIX*. Caxias do Sul: Educus, 2008.
- RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado. Secretaria Estadual de Educação. *Ofício da Escola Estadual de 1º Grau Curupaiti*. General Câmara, 1989.
- RÖLKE, H. *Raízes da imigração alemã: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo*. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.
- SEIXAS, Renato. Identidade Cultural da América Latina: conflitos culturais globais e mediação simbólica. *Cadernos PROLAM/USP* – v. 1, ano 8, p. 93-120, 2008.
- SEYFERTH, G. *Estudos sobre a imigração alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- SOUZA, J. E. de. Os Grupos Escolares em região de Imigração Alemã: Ensino Primário na primeira metade do século XX. In: *Migrações, territorialidades e ambiente*. São Leopoldo: Oikos editora, 2021. p. 37–49.
- STRECK, V. S.; BLASI, M. Questões de gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil–IECLB. *Estudos Teológicos*, v. 49, n. 2, p. 222–240, 2010.
- TÜNNERMANN, J. *Os reflexos da reforma protestante na Alemanha nos imigrantes e descendentes de imigrantes alemães da comunidade de Linha Ocearu*. Ijuí: Unijui, 2015.
- UBATUBA, G.; FROEMMING, C.; AZEREDO, J. R. DE. *Vale Verde: 267 anos de história e 25 de emancipação*. 1º ed. Santa Cruz do Sul: Cattare, 2021.
- VALE VERDE. Prefeitura Municipal de Vale Verde. Secretária Municipal de Educação e Cultura. *Histórico de Vale Verde*. Vale Verde: Prefeitura Municipal de Vale Verde/SMEC, 1997.
- VOGT, O. P. A morte entre os descendentes de imigrantes boêmios de Venâncio Aires, RS. *História, Cultura e Memória*, v. 180, p. 123–135, 2005.
- VOGT, O. P. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul e o capital social*. Tese - Santa Cruz do Sul: UNISC, 2006.

## ENTREVISTAS

- BRAUCH, Silvio. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- DETTENBORN, Theolina. *Entrevista concedida ao autor*. Vale verde, 2022.
- FROEMMING a, Hildegard. *Entrevista concedida ao autor*. Vale verde, 2022.
- FROEMMING b, Honório. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- FROEMMING c, Martha. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- HOLZSCHUH, Jair Luiz. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- KIRST, Amanda. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- SCHUCH a, Bernadete. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- SCHUCH b, Iria. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- SEIBERT a, Anita. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- SEIBERT b, Germano. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- TOILLIER a, Alvina. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- TOILLIER b, Arlindo. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- TOILLIER c, Frederico. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- TOILLIER d, Irmgardt. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- TOILLIER e, Tusilda Elsbeth. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.
- TRARBACH, Otilia. *Entrevista concedida ao autor*. Vale Verde, 2022.

Com o livro, pretende-se apresentar e compreender as circunstâncias que tornaram possível a presença de imigrantes germânicos no território que forma o município de Vale Verde, anteriormente denominado como Rheingau pelos primeiros colonos que o ocuparam. A fim de conhecer os principais aspectos da formação da comunidade, será considerada a bagagem cultural, indenitária e religiosa, bem como as transformações e ressignificações ocorridas na localidade. O ano de 1899 foi marco inicial do processo de colonização alemã em Rheingau, com a chegada das primeiras famílias imigrantes.

